

JOSÉ DO CANTO

retrato de um cavalheiro na primavera da vida*

por
Carlos Guilherme Riley**

Queria começar por agradecer à Comissão Organizadora o convite que me endereçou para proferir esta palestra. Espero, na medida das minhas limitações, conseguir estar à altura das expectativas porventura criadas e da responsabilidade que é falar de José do Canto perante um auditório desta natureza. O acusar desta responsabilidade não é tanto ditado por razões de ordem afectiva e familiar que, ao contrário da maioria dos presentes, não possuo com a figura aqui homenageada, mas antes pela consciência da dimensão complexa que, para qualquer aprendiz de historiador, representa a abordagem da vida e obra deste homem.

Efectivamente, o amplo arco cronológico da vida (1820-1898) daquele que hoje aqui nos reúne, o qual percorre todo o século XIX português desde a aurora do liberalismo ao crepúsculo da monarquia constitucional, bem como o largo espectro de actividades a que se sempre se dedicou de forma consistente, fazem de José do Canto uma daquelas figuras cujo estudo representa um desafio tão estimulante quanto exigente, pois a sua biografia como que epitomiza a epocalidade oitocentista portuguesa e europeia, constituindo um dos testemunhos mais significativos e

* O texto que seguidamente se publica corresponde ao da palestra lida no Jardim José do Canto, em Ponta Delgada, a 9 de Julho de 1998. Quanto ao aparato crítico que o acompanha (notas, referências bibliográficas e apêndice documental), esse foi feito em data posterior ao do ciclo de palestras e realizado expressamente para efeitos de publicação.

** Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais, Universidade dos Açores.

interessantes da ilustração e cosmopolitismo que caracterizou certa sociedade micalense do século passado.

Estudar, portanto, o percurso deste cavalheiro do século e do mundo, é tarefa que requer o esforço concertado e colectivo de vários especialistas, sobretudo se tivermos em conta o enorme espólio documental que José do Canto deixou atrás de si¹, e a diversidade de assuntos que este abarca, desde a bibliofilia à agricultura e fomento económico, passando pela botânica, história e literatura, isto para só falar de algumas das mais reputadas áreas da sua actividade, deixando de fora aquela que foi, sem qualquer sombra de dúvida, a maior de todas as suas paixões : a própria família.

O carácter multiforme de José do Canto, que se desdobra como que heteronimicamente por diferentes interesses ao longo da vida, já foi posto em evidência por muitos autores, designadamente aqueles que logo após a sua morte, em 1898, publicam na imprensa local² linhas de homenagem que ultrapassam em muito o mero obituário elegíaco, assumindo-se desde logo como subsídios históricos para a biografia do falecido³. Estão neste caso as extensas notas que sobre ele escrevem Eugenio Vaz Pacheco de

¹ O fundamental do espólio encontra-se repartido entre a Biblioteca Publica e Arquivo de Ponta Delgada (BPAPD) e os Serviços de Documentação da Universidade dos Açores (SDUA), muito embora algumas peças, designadamente aquelas que fazem parte da sua amplíssima rede de correspondência familiar, intelectual, comercial e patrimonial, ainda se encontre presumivelmente dispersa por outras instituições e fundos documentais particulares.

² Atendendo à notoriedade de José do Canto e ao inequívoco contributo que prestou ao desenvolvimento local da ilha que o viu nascer, não deixa de ser significativa a parcimónia e laconismo com que alguma da imprensa micalense noticia o seu passamento na secção necrológica. Vejam-se, por exemplo, os jornais *Açoriano Oriental* (de 10 de Julho de 1898, em cujo breve obituário feito sobre o acontecimento remete os leitores para notícia mais desenvolvida a ser publicada posteriormente, sem que, contudo, tal viesse a suceder) e *Diário dos Açores* (de 11 de Julho de 1898). Apesar do misantropismo e distanciamento aristocrático que caracterizavam José do Canto, sobretudo no período final da vida, é difícil não estranhar o facto da sua morte constituir notícia de segunda página em alguns dos mais prestigiados e antigos órgãos de imprensa local, como era o caso dos dois títulos acima referidos.

³ Como se poderá comprovar pela leitura deste excerto duma pequena nota que o semanário *A Actualidade* publica a noticiar a morte de José do Canto, cerca duma semana passada sobre a ocorrência : “A *Actualidade* , no desempenho de um dos artigos do seu programa, publicará oportunamente a reprodução em gravura do retrato do Sr. José do Canto, e encarregou o nosso exmo. collega, Sr. Augusto Loureiro, de lhe escrever a *biographia detalhada e completa*, que constituirá um estudo consciencioso sobre uma das mais alevantadas individualidades d’esta terra. Será esta a nossa homenagem ao mesmo tempo que um *subsídio histórico* “. *A Actualidade* (Revista dos Açores, ilustrada - Jornal do Domingo), 1º anno, nº 41, 17 de Julho 1898 (sublinhados nossos).

Castro⁴ e Augusto Loureiro⁵, ambos de gerações mais jovens⁶, mas ligados ao biografado por laços de parentesco e privança pessoal⁷, sendo

⁴ Publicadas fasciculadamente ao longo de cinco números d’*O preto no branco* (Anno III, números 133 a 137, 14 de Julho a 11 de Agosto 1898), semanário de Ponta Delgada que ele próprio dirigia e que constituem, ainda hoje, uma das mais autorizadas biografias escritas sobre José do Canto.

⁵ Relativamente ao contributo supracitado, o estudo de Augusto Loureiro é um pouco mais longo e trabalhado, até porque a sua própria elaboração foi feita com maior vagar e frieza, tendo-se apenas começado a publicar na já referida *A Actualidade* (vd. nota 3) a partir de Novembro de 1898, cerca de quatro meses após a morte do biografado (números 58 a 63, 13 de Novembro a 18 de Dezembro). Diga-se, contudo, que esse mesmo periódico, logo na sequência do desaparecimento de José do Canto insere nas suas páginas ao longo dos números 42 a 45 (24 de Julho a 14 de Agosto 1898), uma homenagem da autoria de Francisco Joaquim Moniz de Bettencout, que se assinava Mendo Bem, cuja relevância biográfica é praticamente nula, pois apenas se limita a enaltecer o fino recorte literário da actividade epistolográfica de José do Canto, publicando como prova (aliás pouco representativa) a troca de correspondência entre os dois.

⁶ Sobretudo Eugenio Pacheco (1863-1911), cuja prolixa actividade científica, política, pedagógica e jornalística, se encontra muito bem retratada no contributo biográfico recente que lhe dedicou Mário Mesquita : “Eugénio Pacheco. Uma concepção singular da Autonomia”, in *Actas do Congresso do I Centenário da Autonomia dos Açores* , vol. 2, *A Autonomia no Plano Sócio-Cultural* , Ponta Delgada, 1995, pp. 145-72. Quanto a Augusto Loureiro (1839-1906), pertence a uma geração mais velha, que começa a despontar para a vida literária e o jornalismo justamente na década em que nasce Eugénio Pacheco. Loureiro fez a sua estreia em prosa no jornal *O Cosmorama* (1861-62) e integra-se num grupo que sucede ao do chamado Grémio Poético Micaelense, onde na década de 50 se destacavam nomes como os de Guilherme Read Cabral e José Bensaúde (vd. Francisco Maria Supico, *Escavações*, vol. III, Ponta Delgada, 1995, pp. 1248-49). Devem-se aliás a Augusto Loureiro bastantes biografias de figuras açorianas, conforme se poderá comprovar nos apontamentos biobibliográficos que dele faz Urbano Mendonça Dias nos seus *Literatos dos Açores* (Vila Franca do Campo, 1931, pp. 727-33), muito embora desse elenco de títulos esteja estranhamente ausente o estudo sobre José do Canto.

⁷ Eugenio Pacheco era sobrinho materno de José do Canto. Para além dos laços de parentesco que os uniam, acresce ainda que seu pai, João Silvério Vaz Pacheco de Castro, mantinha com os cunhados, André e José do Canto, relações de cumplicidade muito estreitas no campo da vida política, económica e associativa da sociedade local, consubstanciadas por exemplo no notável estudo que os três subscrevem e oferecem à Junta Geral do Distrito de Ponta Delgada em Janeiro de 1840, intitulado *Memoria sobre a possibilidade e utilidade da construção d’um Molhe em Ponta Delgada* e impressa em três números sucessivos (251 a 253) do *Açoriano Oriental* (Vd. *Arquivo dos Açores*, vol. XI, 1983, pp. 443-455). O mesmo sucedia aliás com o pai de Augusto Loureiro, Dr. João José da Silva Loureiro, que com José do Canto e outros haviam fundado em 1846 o *Correio Michaelense* como órgão de imprensa destinado a sustentar localmente a causa da

igualmente de destacar, embora num plano mais impessoal e sumário, as linhas que lhe dedica o inevitável Francisco Maria Supico⁸, figura já então patriarcal do jornalismo e das letras micalenses.

O meu propósito não será o de aprofundar, cem anos depois, o retrato à *vol d'oiseau* que estes três autores então nos deixaram de José do Canto. Tal empresa já foi cumprida pelo Dr. Fernando Aires com o seu estudo publicado em 1982⁹. O âmbito desta palestra, bem mais restrito, circunscreve-se cronologicamente ao período de 1820-1850 e procurará analisar José do Canto até aos 30 anos de idade, pelo que a intitulei de retrato de um cavalheiro na primavera da vida.

Revolução do Minho (cf. *A Actualidade*, nº 61, 4/12/1898). O Dr. Loureiro, anos mais tarde, apoiou e aconselhou José do Canto na demanda litigiosa que este manteve com a Fazenda Publica acerca dos seus direitos sobre o padroado de S. André, conforme se poderá verificar pela correspondência trocada entre ambos na década de 1860 e depositada nos S.D.U.A. (*Arquivo José do Canto-Brum da Silveira*).

⁸ Supico, nascido na Lousã em 1830, veio para Ponta Delgada em 1852 ocupar o cargo de boticário no Hospital da Misericórdia e por aqui ficou até á data da sua morte, em 1911. Farmacêutico de profissão, foi contudo como jornalista (no sentido mais amplo e oitocentista da palavra) que se veio a distinguir ao longo da vida, compendiando nas páginas do semanário *A Persuasão* um legado documental e historiográfico sobre o oitocentismo micalense de que só agora, com a compilação e reimpressão das suas *Escavações* (3 vols, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1995), nos podemos começar a dar verdadeiramente conta (Veja-se, a este respeito, as notas de leitura que lhe dediquei, intituladas “Na Botica da História: em torno das *Escavações* de Francisco Maria Supico” in *Arquipélago-História*, 2ª Série, vol. III, 1999, pp. 581-603). Francisco Maria Supico, fosse pela sua qualidade de forasteiro e origem social humilde, fosse por diferenças de caracter político, sempre manteve com José do Canto uma relação distante e cerimoniosa que, a acreditar nos testemunhos da correspondência que trocaram (Cf. SDUA, *Arquivo JC-BS* ; e Museu Carlos Machado, *Espólio Armando Cortes Rodrigues*, para as cartas recebidas por Supico), apenas teve lugar devido à paixão comum que ambos tinham pela bibliofilia camoniana. A primeira notícia necrológica de Supico sobre a morte de José do Canto (*Persuasão*, nº 1904, 13 de Julho 1898), subtitulada *Muito ao correr da pena*, não tem interesse comparável com as *Notas Soltas* que passado uma semana sobre ele torna a publicar na primeira página do jornal (Cf. *Ibid*, nº 1905), as quais comportam contributos estimáveis para a bio-bibliografia de José do Canto

⁹ *José do Canto. Subsídios para a História Micalense (1820-1898)*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1982 (396 pp. com índices e apêndice documental). Este trabalho de Fernando Aires não só representa uma avanço decisivo na biografia de José do Canto, como assinala o primeiro contributo historiográfico para o seu estudo, baseado em documentos, sobretudo epistolares, do imenso espólio (disperso por arquivos públicos e particulares) que ele nos deixou.

Retrato, contudo, com paisagem ao fundo e convenientemente perspectivada em vários planos. O primeiro ocupado pela família, onde emergem destacadas as figuras do seu pai e irmão mais velho, que sobre ele desempenharam uma influência determinante. O segundo envolve a ilha e a sociedade que o rodeiam, com as quais sempre manteve nesse período, que antecede o da sua longa estadia em Paris, laços de cidadania particularmente profundos. O terceiro, a fechar a linha do horizonte, é o do contexto epocal e histórico de uma Europa, repartida fundamentalmente entre Lisboa, Londres e Paris, no qual se integra de corpo inteiro José do Canto como homem do seu tempo.

Delineados os parâmetros da palestra, passemos então a olhar mais de perto para o retrato.

Começemos pela paisagem de fundo, aquela onde decorre o início do processo de aprendizagem do jovem José do Canto, a de Ponta Delgada nas décadas de 20-30 do século passado. A principal cidade micalense, uma “*verdadeira capital de segunda ordem*”¹⁰, segundo as palavras do Marquês da Fronteira quando por aqui passou em 1831, vivia desde inícios do século XIX um período de prosperidade e movimento comercial sem precedentes. Eram os tempos do primeiro grande *boom do ciclo da laranja*¹¹, que marcaram o ambiente social e familiar da infância de José do Canto, filho dum rico proprietário de quintas de fruta, o morgado José Caetano, cuja ampla casa da rua da Graça, nas cercanias da praçinha de S. Pedro, vigiava de perto as entradas e saídas dos barcos no porto de Ponta Delgada. Ao pequeno Josézinho, cujos anos de meninice foram passados no convívio das irmãs mais velhas, que tinham seus aposentos no torreão da casa, não seria decerto estranha esta vista sobre o colorido das embarcações fundeadas ao largo da cidade, como estranhas também não seriam as novidades do século trazidas de Inglaterra a cada novo brigue que aportava para carregar laranja.

As ligações com Inglaterra, de tão estreitas e directas que eram, alimentaram nalgumas camadas da oligarquia local a ilusão duma bem

¹⁰ Cf. *Memórias do Marquês de Fronteira e d'Alorna*, vol. III-IV, Lisboa, INCM, 1986, pp. 223-24.

¹¹ Vd. Fátima Sequeira Dias, “A importância da economia da laranja no arquipélago dos Açores durante o século XIX”, in *Arquipélago - História*, Universidade dos Açores, 2º série, vol.I, nº 2, pp. 189-240 (sobretudo 207-211)

sucedida autarcia insular micalense, cuja viabilidade se apoiava nos seguintes argumentos - *Não he a nossa Ilha o Paiz das laranjeiras? Não tem aqui a Inglaterra a sua escolhida quinta?* “¹². Os ideais separatistas e a hipótese dos Açores, ou S. Miguel, se acolherem sob a protecção da coroa britânica, estavam na ordem do dia quando José do Canto nasceu, em 1820, poucos meses depois da proclamação do Governo Provisório e Junta Governativa no Porto. Seu pai encontrava-se entre aqueles membros da elite local que, fazendo uma leitura pragmática da conjuntura, acolheram o Liberalismo e os princípios constitucionais na expectativa de verem consagrada uma reorganização administrativa do arquipélago, cuja finalidade primordial era separar S. Miguel do governo sediado em Angra, reconhecendo assim aos micalenses a importância e a autonomia política que a sua centralidade económica desde há muito reclamava¹³.

O morgado José Caetano, muito embora não tenha estado na primeira linha dos acontecimentos do 1º de Março de 1821, nem figure entre os *Benemeritos Restauradores da Liberdade e Independencia de S. Miguel*, que o Reverendo João José do Amaral imortalizou em poema¹⁴, aderiu claramente à nova ordem sem, contudo, abraçar algumas das propostas mais radicais feitas pelos seus concidadãos, nomeadamente aquela que o deputado João Bento Medeiros Mântua apresenta ao Congresso em 1822, impressa sob o título *Fundamentos do Projecto do Decreto ... para a abolição dos vinculos na ilha de S. Miguel*¹⁵. As reacções negativas dos administradores de vínculos micalenses a este projecto não se fizeram esperar e, sob a capa no anonimato, foram publicadas nada menos do que

¹² Cf. *Considerações Patrioticas D'um Insulano Michaelense*, Lisboa, Of. Simão Thaddeo Ferreira (opúsculo anónimo datado de 18 de Novembro de 1820)

¹³ Sobre este assunto poderá consultar-se com proveito o estudo já antigo, mas ainda útil, de Aires Jácome Correia, “História Documental da Revolução de 1821 na ilha de São Miguel para a separação do Governo da Capitania Geral da ilha Terceira”, in *Revista Michaelense*, Ponta Delgada, vols. 3 e 4, 1920-21.

¹⁴ *Aos Benemeritos Restauradores da Liberdade e Independencia da ilha de São Miguel no dia primeiro de Março de 1821*, in *Arquivo dos Açores*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, vol. III, 1981, pp. 486-490.

¹⁵ *Fundamento do projecto de Decreto, que para a abolição dos vínculos na ilha de S. Miguel, e nas mais dos Açores, offerece ao Soberano Congresso o Deputado da referida ilha João Bento de Medeiros Mântua*, Lisboa, Imprensa Alcobia, 1822.

três réplicas¹⁶ ao folheto de Medeiros Mântua nesse mesmo ano, todas elas refutando as críticas aí lançadas ao comportamento dos morgados em S. Miguel, pelo que constituem autênticos manifestos de defesa da oligarquia terratenente que, procurando adaptar-se às novas exigências sociais da cidadania e do desenvolvimento local, tenta não abrir mão do seu património familiar pois, como se afirmava num desses folhetos anónimos, “*A igualdade de bens hé uma quimera que só poderia ter lugar em uma comunidade de Frades e de modo algum na sociedade civil, onde o Cidadão só deve aspirar á igualdade de Direitos*”¹⁷.

O debate em torno desta questão no decurso do vintismo micaelense, põe em evidência como alguns sectores da elite terratenente procuram interpretar a sua nova função social no quadro do Liberalismo. O empenhamento político activo em prol do progresso local (isto é, o sentido de cidadania), a preocupação em arrotear e aumentar a produtividade das terras (isto é, o fomento económico agrarista) e o investimento feito na educação dos filhos que se encontravam excluídos da herança patrimonial (isto é, a instrução como exigência social), constituíam os pontos fundamentais duma estratégia de legitimação adoptada, entre outros, pelo morgado José Caetano, na viragem do Antigo Regime para a modernidade oitocentista. Ora creio ser impossível analisar de forma objectiva a trajectória de José do Canto sem ter presente aquela que foi a primeira de todas as suas cartilhas escolares: o modelo de comportamento que lhe foi transmitido pelo pai enquanto cidadão, *gentleman farmer* e patriarca familiar.

¹⁶ São eles, respectivamente, (1) *Desagravo dos Michaelenses, ou refutação ao folheto intitulado Fundamentos*, por hum michaelense amante da verdade, Ponta Delgada, 1822; (2) *Resposta ao folheto intitulado Fundamentos*, por hum Administrador, S. Miguel, 1822; (3) *Explicação interessante do folheto intitulado Fundamentos*, seu autor um açoriano michaelense, Lisboa, Imp. de João Nunes Esteves, 1822. Todas estas réplicas foram publicadas anonimamente, muito embora se saiba que a autoria das duas primeiras, com paginação sequencial e presumivelmente impressas em Inglaterra (Cf. Ernesto do Canto, *Bibliotheca Açoriana*, vol I, Ponta Delgada, Typ. do Archivo dos Açores, 1890, p.....), se deve a Francisco Afonso da Costa Chaves e Melo (1797-1863) que, por essa ocasião, havia casado em segundas núpcias com uma irmã do morgado José Caetano.

¹⁷ Cf. *Explicação interessante do folheto*, Lisboa, 1822, p. 10. O autor deste opúsculo é o madeirense João Pacheco de Melo, então residente em Ponta Delgada onde, aliás, foi uma das personalidades envolvidas nos acontecimentos revolucionários do 1º de Março de 1821 (vd. *supra* notas 13 e 14).

A José não lhe caberia a sorte da herança patrimonial, mas sim ao irmão André que, como primogénito responsável pela futura administração dos bens vinculados, teria de seguir um percurso diferente daquele que trilharam os restantes filhos do morgado José Caetano, o qual tinha sobre esta matéria prioridades muito claras - primeiro estava a administração da casa que, sem dispensar cultura e ilustração, não requeria estudos superiores, só depois aparecia a Universidade como destino imperativo. Se olharmos, retrospectiva e panorâmicamente, o trajecto dos diferentes irmãos Canto, essa espécie de *ínclita geração* para cuja visão de conjunto desde cedo alguns biógrafos chamaram a atenção¹⁸, temos a prova de como foram cumpridos à risca estes princípios do patriarca familiar relativamente à educação de seus filhos.

Tomemos o caso de André, o futuro morgado. Nunca chega a inscrever-se em qualquer Universidade e a viagem que faz por diversos pontos da Europa em 1836, com 22 anos de idade, parece não ter outro propósito que o da ilustração e recreio, como de resto o foi aquela que o próprio pai um ano depois efectuou na companhia de João Silvério Vaz Pacheco de Castro¹⁹. Estas viagens, mais do que o cumprimento dum ritual social que começava então a desenhar-se na oligarquia micaelense, traduzem preocupações pedagógicas evidentes, sobretudo no caso do jovem André, que assim cumpria uma etapa decisiva da sua aprendizagem: conhecer o mundo para lá da ilha²⁰. A escola da vida mundana e cosmo-

¹⁸ Cf. Rodrigo Veloso, *Galeria de Benemeritos*, vol. II, *Dr. Eugenio do Canto*, Lisboa, 1910. Apesar do título pôr apenas em evidência um nome, este pequeno opúsculo apresenta notas biográficas sobre os mais proeminentes irmãos desta geração familiar, a saber: André, José, Ernesto e Eugénio do Canto.

¹⁹ Cf. Morgado José Caetano, *Diário de Viagem* (ed., int. e notas de Nuno Álvares Pereira), Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1978. Deste périplo europeu por Londres e Paris há ainda, da autoria de João Silvério, um outro diário inédito na posse dos seus descendentes, que amavelmente me facultaram a cópia e transcrição do manuscrito tendo em vista a sua futura publicação comentada e anotada.

²⁰ Na carta que José do Canto escreve a André em finais de Dezembro de 1836, é bem evidente a admiração deste jovem de 16 anos de idade pelas andanças cosmopolitas do mano mais velho - *Com grande prazer recebi a tua carta e n'ella vi que estavas bom depois de teres corrido meio mundo a fallar á verdade é vêr muito em muito pouco tempo, e só tu com as tuas grandes gambias, e genio indagador é que podias dar passeiosinhos de nove legoas como vimos nos teus apontamentos*. Veja-se a transcrição integral da carta no Apêndice (nº 1).

polita tinha um valor incontornável no processo educativo de qualquer cavalheiro, conforme o sublinhava aliás André a José do Canto no início de 1841, quando este se viu retido em Lisboa a caminho da Universidade em Coimbra - *o viver um pouco de tempo no grande mundo dá uma certa experiencia dos homens que não se alcança com annos d'estudos , dá umas certas maneiras que fazem realçar os conhecimentos do individuo, e por este lado não posso deichar de gostar muito que tu vivas algum tempo em Lisboa ... e... peço-te que te aproveites...do...que não tens nem em Coimbra, nem em S. Miguel*²¹.

José do Canto desde muito moço revelou grande inclinação pelos estudos o que, aliado à condição de filho segundo, certamente reforçou o investimento paterno na sua educação escolar que, numa primeira fase, decorre em Ponta Delgada entre 1825 e 1838, dentro dos limites impostos pelo incipiente desenvolvimento da Instrução Pública no Distrito Oriental dos Açores, mas aproveitando o que de melhor havia disponível, em termos de professores régios ou particulares, no principal burgo micaelense. Neste período o seu percurso terá sido em tudo semelhante ao do irmão André : o ensino das primeiras letras na escola da mestra Ursula Máxima de Medeiros, entre os cinco e dez anos de idade; e a frequência das Aulas Régias de Gramática Latina e Francês (1830-33), com Caetano António de Melo²², de

²¹ Esta é a única carta de André a seu irmão, que encontrei inventariada no espólio epistolar de José do Canto; veja-se a sua transcrição integral no Apêndice (nº 2). Em termos de lógica heurística, trata-se de uma peça documental certamente transviada, pois José do Canto nas suas disposições testamentárias (cf. Fernando Aires, *op. cit.*, pp. 177-182) refere explicitamente que lega à sobrinha D. Margarida do Canto *a collecção da cartas, que seu defuncto Pae, e meu chorado Irmão me dirigiu em várias ocasiões, e se achão entre os meus papeis*. Este corpo epistolar, que não faz qualquer sentido ter-se dispersado e que não se encontra no Fundo Ernesto do Canto da BPAPD, onde seria presumível poder estar integrado, encontrar-se-á porventura (e por exclusão de partes) ainda na posse dos actuais herdeiros, aos quais lanço daqui um apelo para pelo menos assinalarem a sua existência, pois julgo que ele constituirá uma das secções mais interessantes da vasta correspondência familiar de José do Canto, para além de contribuir para um melhor conhecimento da própria figura de seu irmão André.

²² Caetano António de Melo (1807-1866) era o mais prolixo e afamado “Mestre de linguas” que então existia em Ponta Delgada. Não querendo sobrecarregar estas notas com apontamentos biográficos, remeto os interessados na sua pessoa para esse inesgotável repositório de informações sobre o oitocentismo micaelense que é Francisco Maria Supico (Vd. *Escavações*, vol II, pp. 719-20; ver referência bibliográfica completa na nota 8 *supra*).

Retórica e Lógica (1832-36), com o Padre João José do Amaral²³, e de Matemáticas (1836-38), com o Dr. João Anselmo Choque²⁴.

Completados os dezoito anos de idade, na sequência dos périplos que seu irmão e pai haviam feito pela Europa em 1836 e 1837, José do Canto, cujas juvenis irrequietações intelectuais pareciam transbordar para fora da ilha, vê-se confrontado com a decisão paterna, tomada em finais de 1838, de rumar igualmente para Paris, onde ingressaria no recém inaugurado Colégio luso-brasileiro de Fontenay-aux-Roses²⁵, instituição de ensino pré-universitária dirigida por Frei José da Sacra Família²⁶. Aqui

²³ O Padre João José do Amaral (1782-1853), foi uma referência intelectual marcante para as gerações micalenses do segundo quartel do século XIX, tanto pelo magistério exercido no quadro das Aulas Régias como, fora delas, no púlpito das páginas dos jornais (tanto políticos como científicos e literários) e em tertúlias e Associações de variado jaez, como sejam a Loja maçónica local União Açoriana e a Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense. Sobre esta figura tutelar do Liberalismo em São Miguel, veja-se, além de Supico (*Escavações*, vol III, pp. 951-58), o estudo biográfico que lhe dedica o Padre Ernesto Ferreira (in *Revista Michaelense*, vol. IV [nº2], 1921, pp. 1001-05).

²⁴ O Dr. João Anselmo Pimentel da Cruz Choque (1805-1854), estabeleceu-se em Ponta Delgada por razões de saúde no ano de 1836, onde veio ocupar a vaga da Aula Régia de Matemática e Ciências no extinto Convento dos Gracianos. Teve, portanto, José do Canto como um dos seus primeiros alunos e, à semelhança dos outros dois professores atrás mencionados, reencontraram-se todos mais tarde com o antigo discípulo no âmbito das actividades da Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense, por eles fundada em 1843. Para mais detalhes, vejam-se as *Escavações* (vol. III, pp. 933-35), onde aparece reproduzida uma biografia do Dr. Choque feita pelo reitor do Liceu de Ponta Delgada, André António Avelino, na abertura solene das aulas em 15 de Outubro de 1859.

²⁵ A instalação do Colégio teve lugar em 17 de Novembro de 1838 (Cf. Inocêncio Francisco da Silva, *Dicionário Bibliográfico Português*, tomo V, Lisboa, INCM, 1973, p. 133) e cerca de um mês mais tarde, depois de passado o Natal com a família, José do Canto está de malas aviadas para Paris, saindo de Ponta Delgada a 1 de Janeiro de 1839 num brigue inglês que, nove dias volvidos, o larga em Dover, donde escreve a seu pai um relato circunstanciado da viagem ; veja-se a transcrição integral da carta em Apêndice (nº3). No próprio espólio de José do Canto depositado nos SDUA, existe o folheto impresso que publicita a abertura do Colégio, assim anunciado em letras gordas: *Université de France. Institution de Fontenay-aux-Roses. Fondée en Novembre 1838.*

²⁶ Este antigo Frade Grilo dos Augustinianos reformados, de seu nome secular José da Silva Tavares, era natural de Barcelos (1788) e doutorado em Teologia (1814) e Filosofia (1821) pela Universidade de Coimbra. A restauração do governo constitucional e a extinção das ordens regulares, empurram-no para França em 1834. Antes da abertura do seu Colégio, foi nomeado professor de língua e literatura portuguesa do Príncipe Joseph de Chimay em 1836, muito embora o fundamental da obra pedagógica que deixou se situe no campo da

sim, é já claramente perceptível a intenção do morgado José Caetano investir de forma particular na educação superior do seu filho segundo, cuja aplicação aos estudos (devidamente sublinhada no atestado que então lhe é passado por Caetano António de Melo²⁷, e inclinação pelas Ciências o destinariam porventura a tirar um curso em França. Se eram estes os planos paternos, José do Canto, roído de saudades do nimbo familiar e insular que até então nunca tinha abandonado, deitou-os por terra. A mudança brusca para Paris, com passagem por Dover²⁸ e sem Lisboa de permissão, o regime de internato num colégio, ou mais qualquer outra razão que desconheço, provocaram no jovem micalense um misantropismo e inadaptação às novas condições de vida na grande cidade²⁹ que, estão na base da sua efémera passagem em 1839 pelo Colégio de Fontenay-aux-Roses. Se conjecturei acerca da hipótese abortada de José do Canto prosseguir em França os seus estudos superiores, é porque não vislumbro com que outro propósito possível o morgado José Caetano, reputado liberal que hospedou D. Pedro IV na sua casa de Ponta Delgada em 1832, haveria de matricular o filho num Colégio parisiense dirigido por um exilado miguelista. Além disso, não faria muito sentido que José do Canto fosse

Geografia e da Aritmética. Frei José, que pouco tempo se manteve na direcção do Colégio, acabou por fixar residência nos arredores de Londres como pároco da igreja católica de St. Helen on Brent Wood, onde veio a falecer (1858). Para uma apreensão mais completa da sua biografia veja-se Ferreira Deusdado (*Educadores Portugueses*, Porto, Lello & Irmão, 1995, p. 377) e, sobretudo, Inocêncio Francisco da Silva (*ob cit.*, pp. 133-34).

²⁷ Nas palavras do seu Mestre de Latim, o aluno José do Canto tinha *talento e aplicação bastante*, sendo *sempre decente e assaz regular o seu comportamento*. Veja-se a transcrição integral do atestado no Apêndice (nº 4). O reconhecimento notarial deste documento, é feito pelo Vice-Consul francês em S. Miguel, Veríssimo Leocádio Vieira, com data de 27 de Dezembro de 1838.

²⁸ Dover é a primeira *outra* cidade com que o jovem José se confronta depois de Ponta Delgada, não deixando de ser curiosas as comparações que faz com a terra natal ao descrever a seu pai a agradável surpresa causada pelo imprevisto desembarque nesse porto comercial inglês (vd. Apêndice nº3)

²⁹ Embora me tenha sido impossível descortinar no espólio epistolar de José do Canto a que tive acesso (SDUA e BPAPD), qualquer carta por ele escrita de Paris nesse período testemunhando o mal estar então sofrido, a confirmação foi-me dada por outra missiva dirigida ao pai de Lisboa, em Fevereiro de 1840, onde alude á irremediável crise de saudades sentida em Paris no ano passado, por alturas do Carnaval, motivada pelas recordações pátrias e familiares do Entrudo micalense; veja-se a transcrição integral da carta no Apêndice (nº 5)

para França³⁰ preparar-se para ingressar na Universidade de Coimbra (como efectivamente depois veio a acontecer), quando um dos objectivos do programa de Fontenay-aux-Roses era, justamente, ministrar aos alunos os estudos preparatórios para acederem ao Bacharelato em Ciências ou Letras por qualquer Universidade francesa³¹.

A *home sickness* de José do Canto veio a manifestar-se por alturas do Carnaval de 1839, quando as recordações familiares do Entrudo micalense, avivadas pelos relatos da carta de sua irmã Ana Adelaide³², lhe despertam uma irreprimível nostalgia que ditará o abandono de Paris ainda antes do final do ano escolar³³. De volta a Ponta Delgada, á pátria e á família, o jovem José faz a sua estreia na imprensa local, publicando no jornal *O Monitor* um texto que, independentemente dos objectivos sociais e filantrópicos com que foi escrito (sensibilizar os micalenses para o socorro ás vítimas da tempestade marítima que fustigou Ponta Delgada no dia 5 de Dezembro³⁴), revela já a

³⁰ Tudo leva a crer que a ausência de José do Canto não só seria longa como continuada, conforme sublinha esta passagem da carta que, em 7 de Janeiro de 1839, Ana Adelaide dirige a seu irmão logo após a partida para Paris - *...cada vez que lembro que tanta distancia nos separa, e que cinco annos se hande passar sem nos vermos, não te posso explicar o que sinto* ; veja-se a transcrição do documento no Apêndice (nº 6).

³¹ O folheto que anunciava a abertura do Colégio (vd. *supra* nota 25) esclarecia, na parte relativa ao seu plano de estudos, que *“Les jeunes qui aspirent au grade de Bachelier ès-lettres ou ès-sciences en l’Université de France, comme ceux qui se destinent aux Écoles Royales militaires ou de marine, reçoivent, dans l’institution, l’instruction nécessaire pour subir leurs examens”* (Paris, Imprimerie de Casimir, 1838, p. 2)

³² Que, cumprindo uma função característica das mulheres na escrita epistolar, se assumia como cronista-mór do reino doméstico, registando e transmitindo meticulosamente tudo quanto tinha ocorrido de interesse no quotidiano da sociabilidade familiar - *apenas houve depois de te ires o baile de São Joaquim a que nós fomos, no entrudo não houve nenhum a Taveira por andar incomodada não deo e Luiz Alberto que o anno passado tinha mostrado tanto desejo de dar um como estava de luto pelo sogro taobem ficou em branco (...), nós assim mesmo tivemos o nosso divertimento de mulhar que foi a fartar muito mulhamos principalmente no ultimo dia nós mulhamos só dois dias na segunda feira em casa de meu Avô e na terça feira cá em nossa casa* . Veja-se a transcrição integral da carta no Apêndice (nº7).

³³ Como se poderá comprovar pelo atestado militar transcrito no Apêndice (nº8), José do Canto estava já em Ponta Delgada no mês de Maio de 1839, onde se encontrava alistado na Companhia de Artilharia da Guarda Nacional.

³⁴ *Recordações do dia 5 de Dezembro de 1839 na Cidade de Ponta Delgada* . Cf. *O Monitor*, nº46, 18 de Dezembro de 1839. Este semanário micalense, de pendor cartista, era então dirigido por Francisco Afonso de Chaves e Melo.

sisudez cultural e moral do seu autor, que, familiarizado com o *topoi* literário da Natureza enfurecida, tão do agrado dalguns românticos, lhes lança a seguinte estocada : *Repute-se antes venturoso* (aquele que nunca viu a ira do mar) *nem anhele ver o que phantasiolos Escriitores alcunhão* “*Prazeres da tempestade*”. *Para o igoista, para o inimigo dos homens será prazer, serão delicias observar as calamidades do proximo: para quem é homem, e homem Christão, some-se-lhe o coração no peito* ³⁵.

Empurrado, ou por iniciativa própria, José do Canto não se demorará contudo muito mais tempo em Ponta Delgada e a 25 de Fevereiro de 1840, de novo na fatídica quadra do Carnaval, escreve ao pai de Lisboa : *Eu vou passando soffrivel, ainda que estes dias d’entrudo tenham sobre mim uma terrivel influencia ... este amargor que lembranças caras produzem, ja foi motivo que rebentasse mais cedo o meu soffrimento em Pariz; aqui tem podido mais a reflexão, e depois de vencer esta epocha notavel não só pelo apertar das saudades, senão tãobem por me lembrar do que já me succedêra, considero-me mais seguro, e confio em levar ao cabo as minhas intenções*³⁶. Intenções que eram prosseguir os estudos superiores em Coimbra, mas que nesse ano de 1840-41 foram malogradas, entre outros motivos, pela agitação política e militar então dominante em Portugal, que o obrigou a ficar retido largas temporadas em Lisboa, cujo ambiente mundano, *tant bien que mal* , foi no entretanto frequentando. Apesar dos conselhos do irmão André, já atrás citados, e das diligências do seu tio Francisco³⁷ para o fazer sócio do Club Lisbonense *pelo bem que se passa lá e pella escolla do mundo que, diz elle, é perciso taobem aprender*³⁸, torna-se evidente a falta de entusiasmo de José do Canto pela sociabilidade que lhe era proporcionada na capital, muito embora fosse aproveitando algumas reuniões de salão para conhecer pessoalmente, e com confesado regozijo, figuras como o Matemático Filipe Folque³⁹, ou então para se

³⁵ Idem, *Ibid.*

³⁶ Vd. a transcrição integral da carta citada no Apêndice (nº5).

³⁷ Trata-se de Francisco Afonso da Costa Chaves e Mello (já atrás referido; vd. *supra* nota 16), casado com D. Brizida Henriqueta do Canto, tia paterna do jovem José.

³⁸ Veja-se a transcrição integral desta carta de José do Canto a seu pai, escrita de Lisboa a 18 de Dezembro de 1840, no Apêndice (nº9)

³⁹ *Tenho hido mais alguma vez ao Theatro, e estive tãobem n’uma Reunião ...onde...tive o gosto de ser apresentado ao Lente de Mathematica da Escolla Polytechnica Philippe Folque, que é muitissimo bom sujeito, e que me agrdou bastante* . Veja-se a transcrição integral desta carta de José do Canto a seu pai, escrita de Lisboa a 29 de Dezembro de 1840, no Apêndice (nº10).

informar e tomar decisões acerca do seu futuro universitário que, conforme confessa a seu pai em carta escrita nos finais de 1840, era inscrever-se em Coimbra no curso de Botânica, e não no de Matemática como depois virá a suceder.

Conhecida a paixão de José do Canto pelas plantas, que anos mais tarde e sem que nada o fizesse prever terá a oportunidade de consubstanciar no magnífico jardim de Sant'Ana, bem como o seu futuro empenhamento em prol do fomento agrícola micaelense, julgo importante deixar aqui registado o propósito que já em 1840 revelava de prosseguir estudos superiores nesta área. Passo-lhe, portanto, a palavra : *Tinha mandado dizer ao Mano André que hia frequentar um curso de Botanica, mas depois soube que o Lente José Maria Grande é Deputado e não tem substituto o que será causa de a 2 de Janeiro se fechar o estudo, isto é quasi quando se tinha começado ,no entanto eu verei o que será, porque desejos de aprender alguma cousa é o que mais tenho.*⁴⁰ A estes desejos de aprender botânica não seria certamente estranha a influência de seu irmão André, cujas propostas para o aperfeiçoamento da agricultura micaelense e para a necessidade de constituir na ilha uma Associação Agrícola, se encontravam publicadas no *Açoriano Oriental* desde 1838⁴¹, como estranha também não seria a circunstância de seu pai tirar a maior parte dos rendimentos de quintas de laranjeiras, que começavam então a estar ameaçadas por uma doença que trazia seriamente preocupados todos quantos tinham interesses neste sector. O excerto da carta que André do Canto escreve ao irmão no início de 1841, quando este se encontrava em Lisboa a caminho de Coimbra, é de tal forma eloquente acerca do silogismo curso-aplicação prática-fomento económico, que não resisto a citá-lo brevemente :

⁴⁰ Cf. Apêndice (nº9).

⁴¹ Respectivamente intituladas *Correspondencia ácerca da necessidade urgente de aperfeiçoar a Agricultura Michaelense* (Cf. Ernesto do Canto, *Bibliotheca Açoriana. Notícia bibliographica de escriptos nacionaes e estrangeiros concernentes ás ilhas dos Açores*, vol. II, Ponta Delgada, Typ. de Eugenio Pacheco, 1900, p. 21; e o *Açoriano Oriental* nº 185 de 3 de Novembro de 1838, onde se encontra publicado o texto original); e *Correspondencia ácerca das vantagens da fundação de uma Associação Agrícola em S. Miguel* (Cf. *Idem, Ibidem* ; e *Ibid* , nº 188 de 24 de Novembro de 1838)), as quais reforçam, na minha opinião, a ideia de que terá sido André do Canto, porventura inspirado nos conhecimentos e nos contactos tidos durante a viagem europeia de 1836-37, a alma pioneira que esteve por detrás da criação da Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense em 1843.

*Lembra-me agora que visto ires aprender botanica, a occasião de fallares com botanicos não te será rara, e como tu conheces a molestia que tem soffrido estes ultimos annos as laranjeiras, podias consulta-los sobre este objecto da maior importancia para o nosso (paiz), seria o maior serviço que tu lhe podias fazer, se tu quizeres eu posso mandar todas as particularidades que ha áquelle respeito, até mandar-te um bocado do tronco da laranjeira em que tenha havido a molestia*⁴²

Creio ser evidente que foi a *laranja* o factor responsável pelo sobressalto cívico que percorre a sociedade micalense nesse período, e em particular os sectores sociais mais directamente envolvidos na produção e exportação do fruto de reflexos dourados. A obrigação moral e patriótica de contribuir para o progresso local da ilha, fazendo-a acertar o passo com as nações mais civilizadas e procurando aproveitar melhor a fertilidade do solo e as potencialidades comerciais da sua posição estratégica, passavam por dois imperativos fundamentais: 1. a constituição de uma Associação Agrícola na ilha de S. Miguel, destinada a melhorar e diversificar a produção insular através dos ensinamentos da moderna ciência agronómica; 2. a construção de uma Doca em Ponta Delgada que oferecesse condições mais seguras ao tráfego comercial já existente, e atraísse para o seu porto franco parte do movimento marítimo intercontinental do Atlântico.

Qualquer destas questões, a que se devem acrescentar as da instrução pública e criação de infraestruturas que abrissem a cultura e a arte à sociedade local, como o Teatro e a Biblioteca, estiveram no centro da *missão civilizadora* que a geração liberal e romântica da primeira metade do século XIX levou a cabo em S. Miguel, muitas vezes por iniciativa particular e à margem dos decretos governamentais. Em todas elas desempenharam o morgado José Caetano e seus dois filhos um papel de destaque, publicamente registado na imprensa que, desde 1835 com a aparecimento regular do *Açoriano Oriental*, nos abre uma janela preciosa para os debates que agitavam o *mainstream* da cidadania micalense. Senão vejamos: logo num dos primeiros números desse periódico, na qualidade de Provedor do Concelho de Ponta Delgada, José Caetano Dias do Canto, publica um texto sobre a urgência de criar na cidade uma Biblioteca

⁴² Veja-se a transcrição integral da carta de André do Canto a seu irmão José, escrita de Ponta Delgada nos primeiros dias de Janeiro de 1841, no Apêndice (nº 2).

Pública que servisse de complemento à instrução pública e contribuisse para a propagação das luzes do século⁴³. Valerá a pena citarmos aqui um pequeno excerto, até porque ele testemunha bem a consciência que o pai de José do Canto tinha do alcance social da leitura e dos estudos para o desenvolvimento da terra pátria, princípio que transmitiu a todos os seus filhos e foi por eles interpretado de forma diversamente exemplar:

Em Ponta Delgada, cidade populosa, e, sem contradicção, a terceira da Monarchia, ha mestres, ha discipulos, ha magistrados, ha medicos, e ha outras classes enfim, cujas profissões tem por base o estudo. Este, sem a instrumentabilidade de livros não pode nutrir-se, e progredir (...) Uma bibliotheca publica, fornecida periodicamente dos mais notaveis e melhores jornaes scientificos, diariamente, por o dizer assim, offercidos aos olhos dos literatos, os põe ao nível com o progresso das sciencias que especialmente são do interesse do bem publico

Ainda nas páginas do mesmo periódico publica André do Canto em finais de 1838 dois textos, conforme já atrás referi, que trazem ao debate oitocentista da agricultura micaelense, até aí muito centrado sobre a questão social da abolição dos vínculos e da justa distribuição da propriedade, os contornos mais técnicos e científicos do pensamento agrarista europeu, colocando a tónica sobre a necessidade de promover o associativismo e a instrução rural :

*Quiséra eu que se formasse uma Companhia, cujo capital basta chêgue a dez contos de reis, que devem servir para estabelecer uma Lavoura modelo ou talvez mais apropriadamente Escola Normal d'Agricultura; a Companhia devia mandar vir um Director d'algum daquelles Departamentos da França, em que a Agricultura está no seu auge*⁴⁴

A criação da Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense em 1843, cuja paternidade não tenho qualquer dúvida em atribuir a André do Canto, foi uma expressão notável do character precoce e erudito com que se manifestou em S. Miguel o associativismo agrícola, formado basicamente por um núcleo restrito de terratenentes que procuravam seguir o modelo dos *gentleman farmers* da Inglaterra e França, e aos quais se agregam desde o início alguns homens de letras, como o Padre João José do

⁴³ Vd. *Açoriano Oriental*, n.º 26, 17 de Outubro de 1835.

⁴⁴ Vd. *Açoriano Oriental*, n.º 188, 24 de Novembro de 1838.

Amaral, Caetano António de Melo e Luis Quintino de Aguiar, todos eles antigos professores de José do Canto.

Passadas em revista a instrução pública e o desenvolvimento da agricultura, é tempo de referir o problema da doca que completa, por assim dizer, o terceiro vértice de um triângulo em cujo perímetro se decidem os desafios fundamentais da modernidade oitocentista micaelense. O texto sobre a questão da doca, a que já José do Canto empresta a sua assinatura de parceria com o irmão André e o cunhado João Silvério Pacheco de Castro, também ele publicado nas páginas do *Açoriano Oriental* em Janeiro de 1840, com o solene título de *Memoria sobre a possibilidade e utilidade da construcção d'um Molhe em Ponta Delgada*⁴⁵, destaca-se no seio da vasta literatura até então produzida, como um estudo sério e consistente onde as reflexões de economia política são sustentadas por considerável aparato estatístico.

As sementes do futuro cavalheiro e cidadão José do Canto, encontram-se já a “grelar” antes dele partir para Coimbra nos inícios de 40. Para além das influências que o moldaram em termos de aprendizagem escolar, onde se realçam os nomes do Padre João José do Amaral, nas humanísticas, e do Dr. João Anselmo Choque, nas ciências, o magistério familiar que, simultaneamente, a autoridade paternal e o convívio com o irrequieto André sobre ele exerceram nesse período, determinaram o fundamental das facetas que vieram mais tarde a celebrar a obra e personalidade de José do Canto. Ambos, pai e irmão, estariam também na base do súbito volte face que conheceria a sua vida em Fevereiro de 1842 quando, por decisão do patriarca familiar, interrompe os estudos universitários em Coimbra para regressar a S. Miguel onde o esperavam os mais altos desígnios do casamento com a rica herdeira de um património vincular espalhado por S. Miguel, Pico e Faial, Maria Guilhermina Brum da Silveira⁴⁶.

⁴⁵ Nos números, respectivamente, 248, 251, 252 e 253 desse semanário. Para uma leitura mais cómoda do texto na sua íntegra, veja-se o *Arquivo dos Açores*, vol. XI, pp. 443-455 (o qual não publica as tabelas estatísticas que acompanham a Memória nas páginas do *Açoriano Oriental*)

⁴⁶ O enlace tem a data de 17 de Agosto de 1842 e ocorreu no Oratório particular da morada da nubente, conhecida por *casa da Taveira*. Veja-se o respectivo registo na BPAPD, *Paróquia de São Sebastião (Matriz) de Ponta Delgada - Registo de Casamentos*, Livro 14 (1841-1854), fl. 15 vº.

José do Canto, que após ter falhado o ano escolar de 1840 e cumprido o período de adaptação à vida estudantil de Coimbra em 1841, encontrava finalmente condições estáveis para iniciar o seu tirocínio universitário, vê-se chamado a cumprir uma missão diversa daquela que lhe estava até aí traçada como segundogénito. O ano de 1842 viria a assinalar uma viragem no destino do jovem universitário a quem, doravante, era confiada a administração de importante casa patrimonial que, segundo a lógica da educação paterna, obrigava ao abandono dos estudos superiores, destino, por excelência, dos filhos que vinham em segundo lugar.

A senhora com quem iria casar-se *que pouco conheço para além do nome*, conforme ele próprio confessava às irmãs em carta datada de Coimbra, 1 de Fevereiro de 1842⁴⁷, estaria porventura destinada ao primogénito, André do Canto, o que aliás fazia todo o sentido no quadro da estratégia familiar do morgado José Caetano que, não abdicando dos seus direitos e responsabilidades como terratenente, cuidava do alargamento patrimonial e da consolidação da proeminência social daquele que lhe iria suceder na casa. O primogénito, contudo, em matéria de sentimentos parecia avesso ao pragmático princípio de que *on épousait un fief*.

Senhor de uma personalidade independente e *temperamento eminentemente nervoso*, nas palavras do atestado médico passado pelo Dr. José Pereira Botelho em 1843⁴⁸, André do Canto era um homem, por assim dizer, “de portas para fora” e encontrava na caça e nas longas caminhadas pelo campo o seu passatempo favorito, onde lhe nasceu certamente um gosto pela observação da natureza e uma sensibilidade agronómica que depois transmitiu a José do Canto. Em termos políticos, André era liberal de ideias indiscutivelmente avançadas, colhidas no convívio duma

⁴⁷ A carta é endereçada de Coimbra à irmã mais velha, Maria Libânia, com data de 1 de Fevereiro de 1842. Veja-se a transcrição integral do documento no Apêndice (nº 11).

⁴⁸ Vd. a transcrição integral do documento no Apêndice (nº 12). José Pereira Botelho (1813-1896) frequentou entre 1834 e 1840 a Faculdade de Medicina de Paris, onde adquiriu o grau de Doutor. Setembrista convicto, fez parte da Junta Governativa de São Miguel que, na sequência dos acontecimentos revolucionários da Maria da Fonte, assumiu o poder político na ilha em Outubro de 1846. Após a Convenção de Gramido e a restauração dos Cartistas no poder em Julho de 1847, o Dr. Botelho resolve prudentemente sair da ilha para ir passar uma temporada a Paris onde vive nas barricadas, prestando socorro aos feridos, a Revolução de 1848. Para mais pormenores sobre a sua biografia, consulte-se António Augusto R. da Motta, *O Doutor Botelho e o seu tempo*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1955 (separata de *Insulana*, vol X, nº1).

amizade profunda com o conhecido Manuel António de Vasconcellos, a qual datava pelo menos desde os tempos da célebre Revolta dos Calcetas em 1835, quando ambos serviam como oficiais nos Batalhões da Guarda Cívica, e que depois se consolidou no campo dos estudos e nas reuniões promovidas pela *Sociedade dos Alunos de Direito Público de Ponta Delgada*, estabelecida em 1836, e da qual os dois eram membros fundadores. Setembrista convicto, André do Canto assumirá, na sequência da *Revolução da Maria da Fonte* em 1846, destacado protagonismo local como Governador Civil que, depois da restauração dos Cartistas no poder, lhe valerá, a si e à sua família, um labéu político posto a nú num opúsculo anónimo sobre os acontecimentos revolucionários em São Miguel,⁴⁹ o qual, segundo creio, poderá explicar o distanciamento que mais tarde José do Canto sempre manifestou relativamente à política e aos cargos partidários, bem como essa espécie de modelo aristocrático de cidadania que cultivou toda a vida.

Mas voltando um pouco mais atrás, ao dia 2 de Fevereiro de 1842, quando André do Canto, à revelia da benção paterna, contrai matrimónio com Ana Carlota Leite Botelho de Teive na Ermida de Nossa Senhora do Parto em Ponta Delgada⁵⁰. Casamento por amor, tudo o indica, com uma mulher cuja beleza havia sido cantada em poema por Almeida Garrett, mas que além de não despertar qualquer simpatia na família Canto, designadamente entre as irmãs⁵¹,

⁴⁹ *Apontamentos de História Contemporânea. Ilha de São Miguel*, Lisboa Typografia Silva, 1846 (64 pp.) Embora anónima, esta obra foi redigida a mando do Visconde da Praia, chefe dos Cartistas micalenses, por Francisco Manuel Raposo de Almeida. Mau grado a parcialidade política com que é escrito, o texto nem por isso deixa de ser um valioso e interessante documento sobre os conflitos que então dividiam a sociedade e as elites em São Miguel. O seu autor, Francisco Manuel Raposo de Almeida (1817-1886), filho de famílias humildes de Rabo de Peixe, é uma das mais interessantes e desconhecidas figuras do liberalismo romântico micalense que, pouco depois da redacção deste opúsculo, abandona definitivamente o país natal para se estabelecer no Brasil, onde desenvolverá a parte mais significativa da sua obra intelectual, a qual se encontra recenseada em dois úteis estudos bio-bibliográficos de Walter Piazza: “Roteiro de um jornalista açoreano”, in *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. 13, 1955, pp. 1 - 25; e “Revisitando Raposo d’Almeida”, in *Arquipélago-História*, 2ª Série, vol. II, 1997, pp. 245-279.

⁵⁰ Cf. BPAPD, *Paróquia de São Sebastião (Matriz) de Ponta Delgada - Registo de Casamentos*, Livro 14 (1841-1854), fls. 6 vº - 7.

⁵¹ Na carta que Ana Adelaide dirige a seu irmão José em Coimbra, congratulando-se com o noivado deste e lamentando a opção matrimonial feita pelo “Andresinho”, é notória

contrariava a estratégia do patriarca familiar unir o seu primogénito ao rico dote da herdeira das casas Taveira e Brum da Silveira. Malograda a aliança, o sisudo e respeitador José é chamado a cumprir esses *papéis para que bem se lhe conhecem o jeito*, como confidencia resignado a André numa carta que mais tarde lhe dirige⁵². Obediente, como bom filho, à vontade paterna, José do Canto escreve de Coimbra a Maria Guilhermina, pedindo-a em noivado.

Minha prezadissima Prima e Senhora.

Não é sem o mais profundo sentimento de gratidão, e sympathia, que acabo de acceitar a nova que por meu Pae me foi communicada de que a Prima em uma escôlha, d'onde em parte vae pender o seu futuro, me quizera por companheiro de sua vida; nem posso eximir-me de cordelmente agradecer um conceito todo gratuito, pois que nem uma só acção minha o podia fortalecer: o futuro me justificará ! ⁵³

a antipatia natural das irmãs Cantos por aquela que viria ser (embora por pouco tempo) a sua futura cunhada : *já ouvimos que se caza a 25 ou 26 d'este mez. Deus o faça feliz ainda que aos nossos olhos não pareça querendo Deus pode mudar-lhe o genio e dar-lhe melhor saude (que ella tem bem pouca) e viverem muito bem. Elle era digno de melhor sorte mas como elle assim o quiz assim o tem não tem contra quem queixe. Oxalá que nunca se arrependa que é signal de viver contente mas sempre nos fica o desgosto de meu Pai não approvar a sua escolha com muita razão pois tão bem somos do mesmo parecer, mas ao mesmo tempo que gostamos de não ter amizade com ella, nos custa imenço ver o nosso rico irmão tratado com uma amizade tão séria .* Veja-se a transcrição integral da carta no Apêndice (nº 13)

⁵² A missiva a que me refiro é escrita a 25 de Março de 1842, ainda de Coimbra, e nela José do Canto felicita André pelo casamento, ao mesmo tempo que lhe confessa o pesar, mas também a resignação, com que encara a sua própria mudança de vida -... *Ja terás recebido uma Carta em que eu te contava a historia do meu destino interrompido por dous annos (...) poupa-me insistir n'este assumpto, porque aonde não ha remedio é de toda a força a resignação. O que é // certo é que em bem pouco tempo eu te abraçarei, e conversaremos á vontade, sem a circumscripção do papel: eu parto por estes outo dias para Lisboa, e de lá brevemente para S. Miguel aonde o teu José do Canto vae representar papeis para que tu bem lhe conheces o geito: o nosso quarto e a torre das minhas caras irmãs é forçozo deixar de ser a minha morada exclusiva, e vou deixar tanto a meu pesar aquella vida solitaria e doce que eu gosava entre os corações que me amavão sem o eu duvidar um só momento.* Veja-se a transcrição integral do documento no Apêndice (nº 14).

⁵³ Se considerarmos a *etiqueta* como a arte de esconder sentimentos e emoções, teremos nesta carta um exemplo lapidar da mestria com que José do Canto a dominava, declarando o seu amor a uma mulher que nem sequer conhecia. Aliás, do ponto de vista de uma história dos afectos e da sensibilidade oitocentista, não deixa de ser interessante observar que a correspondência amorosa entre o nosso biografado e a sua futura esposa se inicia,

Estas palavras são escritas no próprio dia do casamento de André. A coincidência de datas é por demais sugestiva. A 2 de Fevereiro de 1842, começa o primeiro dia do resto da vida daquele patriarcal José do Canto, cujos *acomplissements* como homem adulto, que hoje aqui celebramos, se devem em parte à possibilidade material que a partir daí dispôs para realizar alguns dos anseios compartilhados na juventude com o irmão, designadamente o gosto pelas plantas e pela agricultura . A respeito dessa segunda fase da vida do Senhor José do Canto, quando deixa de ser filho para passar a chefe de família, já não sobra tempo para falar nesta palestra. Espero, contudo, que o que ficou dito sirva para lembrar os presentes que, no corrente ano de 1998, não deveríamos assinalar apenas o centenário da sua morte, mas evocar também a memória do Morgado José Caetano e André do Canto, respectivamente falecidos em 1858 e 1848 não tanto pela coincidência dos oitos, antes em nome dum enquadramento familiar que, estou certo, o próprio José do Canto seria o primeiro a aprovar.

justamente, sob o signo da racionalidade e em estrita conformidade com as normas da etiqueta social. Para a leitura integral deste documento, consulte-se o Apêndice (nº 15).

Apêndice Documental

Apresentação

Todos os documentos adiante publicados pertencem a um mesmo fundo, o arquivo familiar Brum da Silveira - José do Canto, depositado nos Serviços de Documentação da Universidade dos Açores. Agradeço ao Pedro Pacheco de Medeiros, à Maria de Lurdes França Rocha e à Ana Maria Albuquerque Taveira, o auxílio e facilidades concedidas na localização, identificação e consulta de muitas das cartas aqui transcritas, cuja pesquisa minimamente sistematizada apenas foi possível porque os referidos técnicos superiores de Arquivo e Biblioteca se encontravam então a proceder à inventariação e catalogação provisória de algumas séries desse fundo documental, designadamente a da correspondência familiar, com o objectivo de vir a publicar o seu respectivo Catálogo¹.

A palestra que apresentei, espécie de biografia atípica centrada sobre um segmento muito específico da vida de José do Canto, correspondente à sua curta fase de *juvenes* entre 1839 (saída da casa paterna para estudos) e 1842 (casamento e constituição da sua própria família), foi, como se poderá verificar, em grande parte baseada nos testemunhos de uma actividade epistolar que é, ela própria, resultante dessa situação de distanciamento familiar. Devo confessar que, à partida, não era este o tipo de contribuição que tinha em mente, mas, como muitas vezes sucede no decurso da pesquisa histórica, o processo heurístico de recolha de informações (feito um pouco ao jeito de *caminando se hace el camino*) é que acabou por determinar a hipótese de trabalho.

Muito embora o arquivo ainda não esteja totalmente inventariado, tive o cuidado de indicar a catalogação provisória desde já estabelecida para a série da correspondência familiar. De forma a facilitar aos interessados a consulta deste Apêndice documental (que é apenas uma modesta amostra do fluxo de correspondência gerado em torno de José do Canto nos seus tempos de estudante), apresento de seguida uma breve relação dos documentos transcritos e das abreviaturas utilizadas.

¹ *Catálogo do Epistolário familiar do Arquivo Brum da Silveira-José do Canto e Catálogo do Arquivo António do Canto Brum* (coord. de Pedro Pacheco de Medeiros e estudo introdutório de Carlos Guilherme Riley), Ponta Delgada, Universidade dos Açores-Serviços de Documentação, 1999

Relação dos documentos transcritos

- 1** - carta de José do Canto a André do Canto (28/12/1836)
- 2** - carta de André do Canto a José do Canto (1/1/1841)
- 3** - carta de José do Canto ao morgado José Caetano (9/1/1839)
- 4** - certidão de habilitação escolar de José do Canto (27/12/1839)
- 5** - carta de José do Canto ao morgado José Caetano (25/2/1840)
- 6** - carta de Ana Adelaide do Canto a José do Canto (7/1/1839)
- 7** - carta de Ana Adelaide do Canto a José do Canto (2/3/1839)
- 8** - certidão militar de José do Canto (22/5/1839)
- 9** - carta de José do Canto ao morgado José Caetano (18/12/1840)
- 10** - carta de José do Canto ao morgado José Caetano (29/12/1840)
- 11** - carta de José do Canto a Maria Libânia do Canto (1/2/1842)
- 12** - atestado médico de André do Canto (31/3/1845)
- 13** - carta de Ana Adelaide do Canto a José do Canto (19/1/1842)
- 14** - carta de José do Canto a André do Canto (25/3/1842)
- 15** - carta de José do Canto a M^a Guilhermina Brum da Silveira (2/2/1842)

Abreviaturas

- ABS/JC** Arquivo Brum da Silveira - José do Canto
FAM Arquivo familiar
UACSD Serviços de Documentação da Universidade dos Açores
CT Cota do documento

DOCUMENTO 1

CT: UACSD/FAM-ABS-JC/AC/001/002

Autor: José do Canto

Destinatário: André do Canto

Local: Ponta Delgada

Data: 1836/12/28

N.º de fólios: 2

Est. Cons.: bom

Querido Irmão

28 de Dezembro de 1836

Caro Irmão estimarei que a tua saude seja boa. Com grande prazer recebi a tua carta e n'ella vi que estavas bom depois de teres corrido meio mundo a fallar á verdade é vêr muito em muito pouco tempo, e só tu com as tuas grandes gambias, e genio indagador é que podias dar passeiosinhos de nove legoas como vimos nos teus apontamentos. Na carta que me escreves bem como nas outras queixas-te de não achares cartas para ti, mas a razão é esta. O Tio Antonio disse-nos que fazias tenção de ficares em Lisboa nos primeiros de Janeiro, e nós n'esta conformidade, escrevêmos a 10 ou 12 de Dezembro como verias da data das cartas e como tu não foste a Italia eis a causa de não achares cartas, quando chegaste, o que // (fl. 1 vº) te daria na realidade muito desgosto, mas decerto não te hade acontecer o mesmo dahi para cá porque não tem hido navio, em que não escrevessemos. Agradeço-te os compendios mas é muito luxo para um pobre miseravel Ilheosinho. No Prazer que havias (de) ter quando abraçaste meu Pai não te fallo eu porque isso mais poderá sentir-se do que explicar-se.

Queria dizer-te noticias como me pedes porem noticias dahi seria grande asneira dar-tas, de Londres tãobem não as ha porque todos os navios tem trazido grandes viagens, d'aqui nenhuma, de maneira que fica vaga esta materia. Não me posso demorar mais, porque tenho a maldita

manha de nunca escrever senão // **(fl. 2)** quando o Navio está a partir de sorte que me vejo sempre obrigado a ser mais conciso do que queria. Adeos, saude felicidade e dinheiro é o que te deseja o teu

Affectuoso Irmão

José do Canto

DOCUMENTO 2

CT: UACSD/FAM-ABS-JC/JC/001/002

Autor: André do Canto

Destinatário: José do Canto

Local: Ponta Delgada

Data: 1841/01/01-04

N.º de fólios: 4 (+2)

Est. Cons.: bom (mas de leitura difícil dada a escrita cruzada e sobreposta)

1 de Janeiro de 1841

Caro Irmão. Recebi a tua carta datada de Dezembro, contudo na mesma ocasião vierão algumas cartas tuas de quinze, e n'essa data estavas de saude que é o que eu mais que tudo estimo. Sinto que tivesses uma tão longa viagem, porem como chegaste sem incommodo dou-te d'isso os parabens. O que eu te podia escrever que mais te agradasse erão noticias domesticas, mas é o que infelizmente eu não posso fazer, porque alem d'eu geralmente ser o ultimo que sei as noticias aqui em casa, todo este mez não tenho perten // **(fl. 1 vº)** cido á minha familia, com os meus affazeres do Hospital, finalmente hoje acabei os meus trabalhos, que não são pequenos; agora d'inverno com um tempo aspero, sempre chuvoso, e ventoso ter de me levantar o mais tardar ás 8 e meia para poder ir ás 9 e meia; estar n'uma casa fria e mal reparada, todas as manhãs, sempre rodeado de dores, de lagrimas, de

miseria, de suspiros, e de mortes, creio que tudo isto é muito forte para uma alma sensível, sendo assim chocada a cada momento; mas apesar de todos estes inconvenientes e de contrariar inteiramente todos os // **(fl. 2)** meus hábitos, (pois tu sabes bem que são duas cousas que muito me custão, uma o levantar-me da cama com um dia d’inverno antes das 11 horas, e outra fazer um bom dia e eu não poder ir á caça, unica couza que me diverte em S. Miguel) é o unico serviço publico a que eu me voto com resignação e com um verdadeiro interesse, pois é o unico Estabelecimento de beneficencia que tem os Açores. Este mez tenho-o livre, e pertendo ir mais vezes á caça, este que passou fui apenas algumas vezes, mas sempre // **(fl. 2 vº)** muito pouco tempo, geralmente matar 6 ou 12 codornizes para mandar a meu Avô, e nunca atirei d’uma maneira a satisfazer-me, quero dizer estou atirando mal. As noticias de Portugal tem occupado os animos da maior parte da gente, ninguem se tem mostrado indifferente a taes novidades mas os melhores circulos não esperão que a guerra vá a effeito, e suppõem que o Governo tem affeado o negocio para se firmar mais no poder : enfim fazem mil conjecturas, alguma possiveis outras não, eu não me aventuro a que // **(fl. 3)** rer deciffrar este negocio, espero que o tempo solva estas difficuldades; só o que me custa é que tu tenhas soffrido d’este estado de perturbação e vacillação; eu supponho que a não serem estes baulhos politicos, terias alcançado o teu aviso, e não o ter alcançado certamente é um transtorno, mas por outro lado o viver um pouco de tempo no grande mundo dá uma certa experiencia dos homens que não se alcança com annos d’estudos, dá umas certa maneiras que fazem realçar os conhecimentos do individuo, e por este lado não posso deichar de gostar muito que tu vivas al // **(fl. 3 vº)** gum tempo em Lisboa, mas visto que não é provavel que ahi vivas muito tempo, peço-te que te aproveites d’uma cousa que não tens nem em Coimbra, nem em S. Miguel e é o Theatro Italiano, quando tu o não tiveres é que lhe has-de senti a falta, lembra-te que eu ainda hoje me lembro d’elle com uma viva saudade. Muita gente me tem perguntado por ti, entre outros o Choque, o Caetano, o Cirillo, o Bettancourt (Anastacio) finalmente todos mostrão interessar-se por ti. Se te encontrares com o Manoel Antonio faze-lhe os meus cumprimentos e manda-me dizer o como elle está e o que faz, eu ficar-te-hia mesmo muito (grato) se tu // **(fl. 4)** o procurasses, elle sempre foi nosso amigo, e se interessou muito por nós, e não póde deichar de se alegrar muito com ver-te, se lhe fallares, dize-lhe que eu lhe não tenho escrito por saber a sua vida sempre occupada, porem que eu sou seu verdadeiro amigo, que procuro sempre saber noticias suas, dos seus

manos e do Jacintho Victor a quem elle costuma escrever, se tu quizeres podes mostrar-lhe esta minha, eu terei prazer em que o meu amigo velho as minhas lettras, elle que annos e annos a fio, e os melhores da minha vida, as via todos // (fl. 4 vº) os dias, elle que foi o meu mestre, e amigo desde pequeno, posso eu esquecer d'elle ? isso nunca.

Lembra-me agora que visto ires aprender botanica, a occazião de fallares com botanicos não te será rara, e como tu conheces a molestia que tem soffrido estes ultimos annos as laranjeiras, podias consulta-los sobre este objecto da maior importancia para o nosso (sic), seria o maior serviço que tu lhe podias fazer, se tu quizeres eu posso mandar todas as particularidades que ha áquelle respeito, até mandar-te um bocado do tronco da laranja em que // (fl. 5) tenha havido a molestia. Meu Pai vai bem o seu divertimento é estar no quintal da Pracinha de S. Pedro que elle comprou á filha do Doutor Matheus, por ora tem estado a fazer-lhe os muros que estavão muito maos já lá nascerão algumas das sementes d'hortaliças e legumes do Harvey. Faze os cumprimentos ao Francisco Affonso á Tia D. Brizida e á sua familia : ao Duarte Borges e á mulher se é que os vistes: recommenda-me ao Amancio, e dize ao Xavier Dime que eu lhe agradeço muito o incommodo que teve com a minha espingarda. O João o creado // (fl. 5 vº) pede-me para que te faça os seus recados. A Laranja está a 2\$500 e dizem que não tarda a 3\$000 reis. Tu dizes-me na tua carta que escrevias extensamente ao Pacheco sobre a Doca porem ou não escrevestes ou a carta se desencaminhou o que é facto é (que) o navio chegou na quarta feira e hontem que era 5ª feira ainda elle a não tinha recebido. Amanhã que são 2 de Janeiro estava para sahir navio para Lisboa mas como está mau tempo creio que não sahe, e então não acabo esta porque me pode ocorrer mais alguma cousa que te diga por agora já não é má maçada. Eu não exigo nem que me escrevas em todos os navios, nem // (fl. 6) nem grandes cartas porque bem sei que deves ter grande parte do tempo tomado com os teus estudos e tens de escrever a mais alguem, mas uma vez por outra espero me dês o prazer de receber as tuas queridas lettras; eu acho que tu devias resumir mais a tua correspondencia porque em começando com estudos sérios, ser-te-ha impossivel sustentala, e o peor é pôl-os em mau vêzo, porque ao depois hão de estranhar; eu bem sei que agora ao principio sempre é percizo escrever a mais alguem.

Tenho estado todo este serão muito entertido a conversar comtigo porem agora são dez horas e meia // (fl. 6 vº) e eu vou metter-me na cama.

4 de Janeiro

Meu caro eu pertendia ainda escreverte muito mais mas chego n'este momento da caça e dizem-me que vai sahir navio immediatamente e que talvez já esta não vá por ter tirado a mala o navio e por isso acabo esta a toda a pressa desejando-te todas as prosperidades e a melhor saude possível. Adeos meu irmão dispoem do teu Irmão

e amigo

A(ndré) do Canto

DOCUMENTO 3

CT: UACSD/FAM-ABS-JC/JCDCM/001/002

Autor: José do Canto

Destinatário: José Caetano Dias do Canto e Medeiros

Local: Dover

Data: 1839/01/09

N.º de fólhos: 2

Est. Cons.: bom

Meu querido Pae

Dover 9 de Janeiro de 1839

Com bastante precipitação estou fazendo esta Cartinha a dar noticias da minha viagem, mas não quero deixar perder occasião de quando antes saberem que já estou a salvamento : não direi nada do quanto custou a abandonar a casa paterna, principalmente vivendo em tamanha harmonia, como por minha felicidade eu vivia; meu Pae e meu Irmão, tem passado por iguaes lances saberão avaliar o barulho d'ideas, e apêto do coração do que vae para alem-mar, minhas irmãs se não tem tido experiencia propria, pelo coração

extremoso que possuem, sei que imaginarão quão dura é uma separação, para o que se vae; disse que nada diria do meu sentimento, e hia quebrando a palavra; sahi de casa ás seis horas como bem sabem, ás 9 estavam a bórdo, pela meia noite fizemo-nos de vela, eu passei esta noite com pouco // (fl. 1 v^o) enjôo, oxalá fora assim com a doença do espirito ! passou-se a noite com vento brando, e ao alvor do dia ainda houvesmos a alegre e ao mesmo tempo tristissima vista d'essa Cidade; o dia todo passou-se com calma ate que ao cahir do sol refrescou o tempo um pouco e velejamos em derrota direita; pela meia noite saltou-nos o vento ao norte bastante forte, mas quando foi pela manhã voltou a Leste e assim esteve mais dous dias, no fim d'estes servio-nos melhor e quando foi na sexta feira á noite estava na altura do Cabo Lisard; velejamos todo o sabbado pelo Canal, mas quando foi no Domingo dia de reis era tão forte a cerração e o vento ainda que favoravel, que vi mister pôrmo-nos de capa, o que com mar tão verde e grosso era bastante perigôso; pelas 2 horas da tarde d'este Domingo é que tivemos uma tal refega que já tencionavamos ter o beliche por tumba, e o Canal por Cemiterio; Graças a Deos o tempo abrandou foi a menos, e hoje pelas seis horas da manhã desembarcamos em Dover n'uma Barca de Piloto, porque escarmentados da primeira tempestade não nos queriamos aventurar a soffrer segunda. Viemos para // (fl. 2) Dover Castle Hotel, almoçámos, e fomos dar um passeio á Cidade. A Madrugada d'este dia e todo elle são d'aquellas impressões que creio impossiveis de resvalarem da imaginação, o azul e a pureza do Céu tão bellos como os melhores da primavera, o socego d'espirito depois do desembarque, e as scenas d'uma Cidade Ingleza Comerciante, vista pela primeira vez, é impossivel que me esqueção. Sendo esta Cidade pequena em comparação com as outras Cidades da Inglaterra, é assim mesmo muito maior do que a nossa, e incomparavelmente mais lidadora a sua população; dizer alguma cousa d'ella é-me impossivel, tanto pelo pouco tempo que andei, como pela surprêsa que esse pouco que vi me causou; á manhã se o vento abrandar partimos para Calais, ou Boulogne, e dali immediatamente para Pariz; d'esta Cidade escreverei mais longamente, e a outras pessoas que pela sua amizade m'o devem exigir. Muitas recommendações e visitas á Tia D. Francisca, ao Mano André ás Meninas aos Tios e Tias e a todos os de Casa, ao João Pacheco, a Mana Emilia que estimarei passe melhor do que quando d'ahi sahi, a Meu Avô que // (fl. 2 v^o) desejo esteja melhor, á Tia D. Margarida e ás Outras Tias, ao Tio Gil etc.. Ao Aguiar, o Caetano, Francisco Pacheco emfim a José Jácome, Tia D^a M.

Ricarda, Antonio Borges, Choque todos os que meu Pae sabe que eu dêvo amizade e favôres, e a meu Pae; oxalá que esteja perfeitamente bom do seu pé e que nada o incommode. D'este seu filho Obrigado

José do Canto

P.S.

Não fallei em saude e como sei que é essa uma das rasões porque se estima uma Carta ponho este P.S. a dizer que á excepção do primeiro dia d'embarque tenho passado optimamente. A Andresinho, e ás Meninas que d'aqui a 5 ou 6 dias lhe hei de escrever o que agora não faço por que esta mesmo sabe Deos como tem sido feita.

DOCUMENTO 4

CT: UACSD/FAM-ABS-JC (cota provisória)

Autor: Caetano António de Melo

Local: Ponta Delgada

Data: 1838/10/21

N.º de fólhos: 1

Est. Cons.: bom

Caetano António de Mello, Professor Regio de Grammatica Latina e Francez da cidade de Ponta Delgada, Capital da Provincia Oriental dos Açores, Ilha de S. Miguel, Membro do Conselho Provincial de Instrucção Publica e no Concelho de Ponta Delgada Secretario da Comissão Inspector da Instrucção Primaria

Attesto que o Senhor José do Canto Medeiros, filho do Commendador José Caetano Dias do Canto Medeiros, se matriculou na minha Aula de Grammatica Latina na idade de 10 annos incompletos, e a frequentou com assiduidade até 7 de Outubro de 1833, havendo começado a 7 de Outubro de 1830; e que, tendo talento e applicação bastante, rapido

foi o seu progresso, grande o aproveitamento, sempre decente e assaz regular o comportamento. E porque o referido é verdade, e este me foi pedido, o passo na sobredita Ponta Delgada aos 21 de Outubro de 1838.

Caetano Antonio de Mello

Vu en legalisant la signature ci dessus; Le 27 Decembre 1838, par nous Vice Consul de France à St. Michel des Açôres. V(icente) L(eocádio) Vieyra

DOCUMENTO 5

CT: UACSD/FAM-ABS-JC/JCDCM/001/002

Autor: José do Canto

Destinatário: José Caetano Dias do Canto e Medeiros

Local: Lisboa

Data: 1840/02/25

N.º de fólios: 2

Est. Cons.: bom (mas colocando alguns problemas de leitura)

Meu carissimo Pae

Lisboa 25 de Fevereiro de 1840

Tinha escripto ultimamente, mas como o Navio se tenha demorado, não quero deixar de tornar a escrever na hora da partida. Eu vou passando soffrivel, ainda que estes dias d'entrudo tenham sobre mim uma terrivel influencia, quando estou em casa não sou dos que esgotam os divertimentos d'estes dias, mas ausente dos meus são tão vivas as recordações d'aquillo que por mim tem passado, que os praseres dos outros me aborrecem completamente, e no estado de constringimento em que estou admira-me que os outros achem alegria no que eu só encontro arremedos e ironias do que eu ja gosei: este amargor que lembranças caras produzem, ja foi motivo que rebentasse mais

cedo o meu soffrimento em Pariz; aqui tem podido mais a reflexão, e depois de vencer esta epocha notavel não só pelo apartar das saudades, senão tãobem por me lembrar do que já me succedêra, considero-me mais seguro, e confio em levar ao cabo as minhas intenções. A minha vida no Domingo foi estar em casa a uma janella que deita para // (fl. 1 vº) a Ribeira nova a ver a loucura d'esta gente, e a olhar a belleza do Rio, e da outra banda, que cuidava estar em Rosto do Cão a admirar a bahia da Alagoa e a Serra d'Agoa de Pao; o serão estive sozinho com o Cesario: na segunda tãobem tornei a estar em casa e á noute fui ao Baile do Club; não obstante ser este o dia da Função do Quintella onde estiverão 100 pessoas, era tal a concorrência no Club que servia de grande incommodo estar ali em logar de dar o minimo entretenimento; enfasiado de estar n'um forno, de me não poder sentar, de levar encontrões continuadamente, e de nada poder ver pela grande balburdia e multidão que havia, fui-me safando ás onze e meia, julgando que tinha empregado bem mal o meu tempo, por que vim para casa com muito mais saudades das nossas reuniões pequenas de familia, do que aquellas com que tinha sahido. Na terça feira fui pela manhã no Omnibus a Belem; estive na quinta do Pateo dos Bichos, fomos depois ao Palacio da Ajuda que corremos todo por dentro, e viemo-nos para Lisboa n'um bote pelo rio: o dia estava bom e aquelle ar desafogado do campo trazia-me de continuo á imaginação o aroma dos nossos campos n'este tempo; a flor da Laranjeira, e o cheiro dos favaes que embalsamão as virações dos arredores da nossa Cidade: de tarde estive tãobem sentado por dentro da mesma // (fl. 2) janella, e á noute fui ver o baile de Mascaras de S. Carlos. Como neste dia não havia distracção alguma n'outra parte, não se podia a gente mexer no theatro; estavam para cima de mil e quinhentas pessoas fóra os camarotes; ora tudo isto empacado de sorte que se não podia romper, e a revolver-se continuadamente, com um immenso calor, e mascaras pouco notaveis, era de perder a cabeça; eu vim ás dez horas para casa atordoado da cabeça, e entontecido; ainda a estas horas me deitarão tremoços na Rua do Ferragial de Baixo. Eis aqui como passei, lembrando-me sempre de meu Pae, de meus Irmãos e de todos os meus parentes, e de tudo quanto n'estes días tenho presenciado desde que me entendo. Agora estou fazendo as minhas despedidas, amanhã heide tirar passaporte, e fico prompto para assim que o Arriero chegar, partir immediatamente. As ordens para a dissolução dos Batalhões Provisorios vão effectivamente n'esta occasião, depois de numerosas e renhidas conferencias. Muitas recommendações á Tia, aos pequenos, Meninas, Mano André, Tias, Tio André, Meu Avô, Tias

Botelhos, Pacheco e Emilia, Tio Gil, Manoel Ignacio, Ignacio Tavares, Aguiar, Jácomes etc. e meu Pae receba os votos saudosos do

seu obediente e extremoso filho

José do Canto

DOCUMENTO 6

CT: UACSD/FAM-ABS-JC/JC/001/002

Autor: Ana Adelaide do Canto

Destinatário: José do Canto

Local: Ponta Delgada

Data: 1839/01/07

N.º de fólhos: 2

Est. Cons.: bom

Janeiro, 7 de 1839

Meu querido José do C(oração)

He com bem saudozas lembranças tuas que venho fazer-te estas duas linhas, as quaes dezejo muitissimo te achem com boa saúde que he o que mais estimo.

Por ti meu rico José bem podes formar ideia quanto me tem sido sensível e custoza a separação d'um irmão tão amado, e tão digno de o ser como tu, cada vez que lembro que tanta distancia nos separa, e que sinco annos se hande passar sem nos ver-mos, não te posso explicar o que sinto, nem mesmo quero cançar-te com essas lembranças que te podem affligir, o que a mim me acontece, e que só Deus tem da sua mão e hade ser o que elle quizer, o remedio é ter // (fl. 1vº) paciencia e conformar-mo-nos com a vontade de quem tanto pode, Nem um só instante deixo de ter te na ima-

ginação parece-me que sempre te estou vendo e ouvindo ora com o oculo na mão ora deitado em cima das camas, de toda sorte te estou vendo, mas que differença não vai da imaginação á realidade. Dezejo muito que fizeses uma boa viagem, e que não te custasse muito as encommodos que sempre se passam, mas que custão mais a umas pessoas do que a outras. As nossas saudes vão sem novidade. Meu Pai melhorsinho do seu pé, acabou-lhe de serrar (sic) a tal chaguinha com o espramacéte que o Simplicinho lhe mandou, em dois dias que deu com elle sarou logo. Andresinho está agora pela villa, foi quinta feira; já hoje, segunda, tivemos noticias d'elle estar bom, parece-me que elle virá qualquer // (fl. 2) d'estes dias porque a 10 há a função á tanto tempo premeditada de João Maria do Rego; nós tambem estamos convidadas e se não houver algum inconveniente lá havemos d'ir, ainda que com pouco gosto, mas não há remedio senão ir. Hontem á noite morreo o pobre Dezembargador Motta, muito nos tem custado, ainda que não tinhamos relações com elle nem com a familia, com tudo sempre custa ver a desgraça da mulher e filhos em terra estranha, sem parentes sem muitos meios segundo nos parece, coutado teve uma doença tão rapida que em menos de 8 dias se foi. Já o outro dia, quando se foi a "Rainha" te quiz escrever, mas quando vim a saber que ella sahio já não me dava lugar, por isso te vim fazer esta com antecipação para quando sahir navio estar prompta. Deus queira que com brevidade tenhamos noticias tuas.

Recebe numerozas saudades de todos de caza e de mim recebe o coração cheio de infinitas saudades e continuas lembranças por ser tua affectuozza e estremoza irmã

A(na) A(delaide) do Canto

DOCUMENTO 7

CT: UACSD/FAM-ABS-JC/JC/001/002

Autor: Ana Adelaide do Canto

Destinatário: José do Canto

Local: Ponta Delgada

Data: 1839/03/02

N.º de fólios: 2 (+2)

Est. Cons.: bom (mas de leitura difícil; 2 fólios com escrita cruzada e sobreposta)

Meu querido José do coração

2 de Março 1839

Não quero para mais tarde poupar-me ao prazer ao prazer de responder ás tuas ternas e saudozas expressoens que me tocarão ao vivo, e me parece impossível que ao receberem-se noticias d'um irmão como tu se possam conter as lagrimas, não foi só com as tuas cartas dirigidas a nós, mas tãobem com as de Luiz d'Aguiar que elle nos trouxe para nós vermos que bastante me sensebelizou, e não pude ler sem lagrimas o constrangimento que tiveste os ultimos dias que estivemos juntos, que esforços não fizeste para te mostrares de coração duro tendo-o tão sensível como todos nós sabemos, bastante admiração me fazia o ver-te mas não deixava de conhecer o que se passaria no teu amante coração // (fl 1 vº) Hoje veio Luiz d'Aguiar cá saber se já tínhamos escrito para mandar-mos junto com as suas cartas as nossas porque sahia a “British Queen” esta tarde, mandou-se saber do Ivens se com effeito era assim, mandou dizer que já tinha sahido, não sei porque artes carregarão o tal navio em razão de ter havido antes d'ontem um temporal fortissimo que se levantarão todos os navios excepto a Rainha que fez admiração a todos o como ella se tinha aguentado, como o Ivens mandou dizer que talvez amanhã ou depois houvesse navio não quiz deixar de te fazer estas duas linhas que já há bastantes dias ando com desejos de fazer mas com o nosso viver a preça como tu bem sabes nem sempre se faz o que se deseja, com a morte

inesperada do tio Antonio foi-nos percizo fazermos todas vestidos pretos, e ahy tiramos preças porque os outros estavam incapazes de apparecer, e de mais a mais sendo percizo sahir todos os dias para // (fl. 2) caza da Emilia, e de Meu Avô que conta dias bem pezarosos estes e com toda razão, ellas todas me pedirão que quando te escrevesse tas fizesse lembradas com os seus recados e muitas saudades. Emilia vai agora passando melhor alguma couza Deos queira que lhe continuem estas melhoras porque ella já tem estado por algumas vezes melhor, e torna a piorar, o que nos tem valido é não ser doença de perigo, ainda que de muito incomodo, mas sempre é outro tanto quando não dá perigo, o que a tem trabalhado mais, e que a não tem deixado restablecer são os malditos nervos, e a fraqueza que tudo junto fazem effeitos diabolicos mas agora á uns dias para cá estamos esperançados que ella irá melhorar Deos o permita, o teu sobrininho chama-se Francisquinho nunca vi uma cousa tão pequenina. Quanto aos bailes que tu desejarias para nós nos divertirmos não os tem havido apenas houve // (fl. 2 vº) depois de te ires o baile de São Joaquim a que nós fomos, no entrudo não houve nenhum a Taveira por andar incomodada não deo e Luiz Alberto que o anno passado tinha mostrado tanto desejo de dar um como estava de luto pelo sogro taobem ficou em branco de sorte que todos gostarão muito o anno passado mas ninguem se resolveo este anno, nós assim mesmo tivemos o nosso divertimento de mulhar que foi a fartar muito mulhamos principalmente no ultimo dia nós mulhamos só dois dias na segunda feira em casa de meu Avô e na terça feira cá em nossa casa , o que te hade fazer mais admiração é ouvir que Maria Libânia também mulhou por ser ella quem nunca queria ouvir falar em semelhante couza mas principiamos a mete-la por dentro e ella cedeo eu fui quem metti o cazo à bulha porque me // (fl. 3) parecia asneira por uma couza passada à tantos anos deixar-mos para sempre aquelle divertimento. Amanhã faz anos Andrezinho faltas tu cá meu rico Joze para ajudares a comer o pudim dos annos e as nossas comidinhas de peixe que assim mesmo te hande lembrar ainda que tenhas por lá outras melhores, muitas vezes me lembra faz agora um anno quando tu chegavas a caza da lição de Mathematica que já nós estávamos acabando de jantar principiaras tu e com tão com boa vontade que n'um instante jantavas, não se passa nem um só dia nem um só instante que não me lembre de ti a Deos meu querido irmão recebe immensas saudades de todas da caza Tias meninas e criados todos se recomendão muitissimo e te agradecem as tuas, e de mim recebe o coração saudozo que te desja muita saude e as felicidades de que és merecedor. Tua irmã affectuoza. Anna

DOCUMENTO 8

CT: UACSD/FAM-ABS-JC/JC (cota provisória)

Autor: António Thomé Machado Asse

Local: Ponta Delgada

Data: 1839/05/22

N.º de fólios: 1

Companhia de Artilharia da Guarda Nacional

Cidade de Ponta Delgada

Attesto que Joze do Canto de Idade 18 annos nactural desta Cidade filho de José Caetano Dias do Canto e Medeiros estado solteiro occupação Estudante, morador na freguesia de São Pedro pertence a esta Companhia onde esta servindo como Guarda Nacional .

Quartel em Ponta Delgada 22 de Maio de 1839

Antonio Thomé Machado Asse
Cap^m Com^{me}

DOCUMENTO 9

CT: UACSD/FAM-ABS-JC/JCDCM/001/002

Autor: José do Canto

Destinatário: José Caetano Dias do Canto e Medeiros

Local: Lisboa

Data: 1840/12/18

N.º de fólios: 2 (+2)

Est. Cons.: bom (de leitura difícil; todos os fólios com escrita cruzada e sobreposta)

Meu caro Pae

Lisboa 18 de Dezembro de 1840

Assim que aqui cheguei o meu primeiro pensamento foi escrever a meu Pae; dizia-se que o Navio sahia n'aquelle mesmo dia, e eu escrevi com demasiada precipitação, o mesmo Navio porem demorou-se pelo tempo ser sempre contrario, e eu tenho o verdadeiro prazer de poder escrever com mais algum socego. Faz hoje 9 dias que escrevi. Tive hoje aquelle prazer indizível misturado de recordações saudosissimas de ler cartas intimas dos meus maiores amigos; não posso, como o coração pedia, responder a todas, mas meu Pae vae saber o que o seu filho aqui tem passado. Se a viagem não foi tão curta como ahi m'a talharão, não foi tãoobem tão procellosa como imaginarão; os objectos que esquecerão não fizeram falta alguma pelo bem tratados que fomos, e se eu tivesse chegado a tempo de aproveitar em Coimbra o sacrificio da nossa separação seria feliz, mas não quiz o fado que assim fosse, paciencia e constância, é mais um anno perdido. A direcção das cartas para Coimbra mostrou-me perfectamente, nem podia ser d'outra maneira, que julgavão estar já em Coimbra, se os intentos dos homens fossem sempre como elles querem e desejo, assim seria; mas infelizmente são os contratemplos o mais certo que elles tem, a demasiada delonga da viagem, o tarde que parti dahi, e sobretudo as circunstancias extraordinarias em que aportei destruirão de todo os propositos e illusões em que vinha emballado. Não insisto sobre

este objecto porque meu Pae avaliará as diligencias que faria a ser possível, e quanto isto me // (fl. 1 vº) peza. Tencionava demorar-me aqui 8 dias quando muito, e agora está isso dependente de futuros bem ennuveados, porque as razões de me demorar aqui como na outra Carta expendi a meu Pae, cuido serem de uma monta real. Os negocios com a Hespanha parecem conservar o mesmo character, digo parecem, porque de positivo nada se sabe, os preparativos continuão com a mesma preça, os batalhões creados ultimamente estão quasi completos, os generaes tem partido para as provincias, ainda hoje foi reintegrado e nomeado José Jorge Loureiro que desde 1836 tinha recusado servir, as outras nomeações pode meu Pae ver nos Periodicos: o Saldanha dizem que chega sabbado de Madrid não obstante toda esta energia e pé de guerra ha ainda quem conserve esperanças de conciliação, e por esses faço eu votos, porque mal se dissiparem estes graves temores marcho para Coimbra, antes da conclusão ainda repito que me parece temeridade, pois segundo boatos que correm vae-se formar um Batalhão academico. Tinha mandado dizer ao Mano André que hia frequentar um curso de Botanica, mas depois soube que o Lente José Maria Grande é Deputado e não tem substituto o que será causa de a 2 de Janeiro se fechar o estudo, isto é quasi quando se tinha começado no entanto eu verei o que será, porque desejos de aprender alguma cousa é o que mais tenho. Fui apresentado no outro dia a um Lente, Luiz Teixeira, e o serei a outros brevemente, se esta demora é inteiramente destruidôra dos meus Projectos talvez não seja totalmente inutil pelo lado de obter relações valiosas. Um dos fortes inconvenientes que a esta(s) dilações acho é a maior e inevitavel dispêsa, conheço quanto meu Pae tem sido franco para comigo a tal respeito, mas é esta mesma confiança que me torna mais escrupuloso; meu Pae já esteve em Lisboa e sabe como isto é, eu não pago casa nem comida, porque por isso fica-me a divida dos favores, mas alem destes artigos indispensaveis ha outros que o quasi são igualmente, estas meudezas parecem nada e ás vezes são muito; uns livros que tenho de comprar na Universidade, e que comprei aqui por me poder ja utilizar, outras traquinadas do meu uso tem sido por ora os meus gastos: eu mando um apontamento d'estas despesas não porque meu Pae exija a mais leve satisfação, mas porque eu gosto que se saiba como gastei aquillo que meu Pae poz generosamente // (fl. 2) á minha disposição. O Hivero é rigoroso, e um casaco para me abrigar d'elle é indispensavel quiz ver se me eximia d'elle mas é forçoso fazêllo, e são despesas estas causadas pela

crise actual, e que desvanecida ella pouco uso terão, mas ou por muito ou por pouco tempo são igualmente necessarias. Meu Pae terá paciencia porque são contra minha vontade. A Lettra ainda não foi recebida, o Caetano Xavier quer ir comigo a caza do Biester, como as Patacas estivessem a 920 fui hoje pelas 9 horas da manhã a sua casa que é um milagre achallo, mas elle não podia hoje ficou para amanhã; os recibos do dinheiro que trouxe vão juntamente com esta, e meu Pae fará obsequio de os distribuir; os Museos de Familia comprei-os taobem hoje mas quero mandallos encadernar. Tenho hido 2 ou trez vezes ao Club Lisbonense como apresentado do Tio Francisco Affonso que é Sócio e lá vae todos os serões, elle tem apertado comigo para eu taobem ser S(ócio). extraordinario algum tempo que estiver pelo bem que se passa e pella escolla do mundo que, diz elle, é perciso taobem aprender. Eu pelo meu genio, pela minha situação pouco propensa a estas reuniões, e ainda por mais motivos não sou muito inclinado, mas parece-me que não terei remedio senão acceder: veremos. Aqui chegou o Amancio hontem tendo partido 15 dias depois de nós chegou com a differença de 8 dias, tive um prazer em ter noticias dos meus que não se faz ideia, não terá meu Pae tão cêdo como eu, o Navio demora todos os dias a sua sahida, e consequentemente só no fim de 2 meses é que possão ahi ter noticias minhas. Meu Avô passou incomodado gravemente, e isso deu-me um aballo extraordinario, mas parece que vae a melhor, essa esperanza suavisa-me, e peço a Deos que continuem melhoras tão apreciaveis, e que tantos supplicão. Taobem soube que os debates da Junta Geral do distrito forão muitissimo acalorados, e que meu Pae tem tido um trabalho immenso com o seu Relatorio, agora porem quando esta for recebida já meu (Pae) estará descansado e todo só entregue ao seu quintal que sei já se trabalha n'elle e nas obras do Mestre João Gomes ; estimarei portanto que meu (Pae) se entretenha n'esses objectos, e tenha poucos motivos de se affligir. O Preço porque se abriu a vanda da fructa parece-me raro á 6 ou 7 semanas para cá, e deve alegrar bastante a quem tem quintas, e muita fructa; os ventos que tem feito, não são, é verdade muito favoraveis, mas // (fl. 2 vº) quem tem muita, muita lhe fica; informarão-me que meu Pae teria este anno mil e duzentas caixas, a ser assim ficarei bastante contente por todos os motivos principalmente por meu Pae ficar sem dever obri(sic) ao Ivens. Ouvei a recepção do Bispo, os afadigamentos do Padre Canto, e os aperta pés do Padre Reis, mas o que me tem admirado bastante não me fallar (nin)guem nas reformas judiciaria e

administrativa, que forão n'esse navio, na Commenda do Prior, e mais do que tudo a Lei que passou em Côrtes para a construcção da Doca, esta ultima noticia que enthusiasmava tanto a todos quando de ahi sahi, foi satisfeita, e parece incrível que ainda se não soubesse trez dias depois do navio chegar ou que sabendo-se ninguem me falasse em cousa tão transcendente, gostarei de saber o que se tem passado a tal respeito, porque é uma das cousas que mais me interessão depois da minha querida Familia e parentes. Eu recebi n'esta occasião cartas de Maria Libania, Augustasinha, Aniquinha, Maria Theresa, Mana Emilia e João Pacheco, Aguiar e Pedro Jacome, vou tratar de lhe responder no primeiro, porque neste todos tinhão tido a sua Cartinha no entanto meu Pae fará o favor de lhe dizer que as recebi, que agradeço a promptidão amisade e lembrança e que o mais lhe direi nas Cartas. O Eugeniosinho que taobem lhe heide responder a sua bella cartinha, no entanto dê-lhe meu Pae um abraço. Saudades a todas as Meninas, pequenos, e Tia, Andresinho, Tias; meu Avô e Tias Botelhos, João Pacheco e Maria Emilia etc.. Meu Pae diz-me que disponha da sua vontade que sempre acharei prompta aos meus pedidos, é verdade meu Pae, nem uma só vez fui desatendido, nunca fui contrariado; com que sacrificios poderei saldar esta divida d'amisade e amor ? fazendo o que meu Pae quizer ? isso é pouco, antecipando-lhe todas as vontades, não esperando que ellas lhe volteiem nos labios para que eu as execute contente e de bom grado. Eu tomo a benção que meu Pae me lançou atravez do oceano, e envio-lhe um coração todo saudade.

Filho obediente
e muito affectuoso
José do Canto

P.S. Recebi a Carta de Recommendação da Dona Marianna que entregarei convenientemente. Não tive tempo de ler o que escrevi, pode acontecer que meu Pae não perceba tudo.

DOCUMENTO 10

CT: UACSD/FAM-ABS-JC/JCDCM/001/002

Autor: José do Canto

Destinatário: José Caetano Dias do Canto e Medeiros

Local: Lisboa

Data: 1840/12/29

N.º de fólios: 2

Est. Cons.: bom

Meu querido Pae

Lisboa 29 de Dezembro de 1840

Ha dous annos tãobem estava separado de meu Pae ainda que com mais esperanças, e melhores auspicios, e precedentes ! hoje estou longe, e sem poder dizer como então, qual será o meu futuro ; o tempo tem se enublado por tal forma, que muita vez me tem feito desejar não ter vindo este anno a Portugal ; o anno não pode ser aproveitado em estudos que seão levados em conta no fim do anno, as escollas de Lisboa que podião ser frequentadas, fecharão-se ; os barulhos não consentem que vá, sem indiscripção, para Coimbra, e eu vejo-me obrigado a desperdiçar o sacrificio que fizera de me ausentar da casa paterna, em passar um anno quasi ocioso em Lisboa. São bastante para contrariar o meu genio estes transtornos, contudo a fortalleza de que careço para os soportar, conto que me não falseará, e não haverá remedio senão paciencia.

Ha nove dias que escrevi a meu Pae, e d'então para cá não tem os negocios d'Hespanha dado pas // (fl. 1vº) so algum consideravel. O Governo Hespanhol insiste em não retirar a Nota que enviára ao Governo Portuguez repondendo “que o feito está feito, que o mais que fará, será esperar pela decisão das Cortes até Fevereiro” ora levanta-se agora uma nova questão, e é se hão de as Cortes discutir o regulamento da Navegação do Douro, existindo a nota infamante: [a] opinião principal é pela negativa, e o Ministerio que segundo dizem se compromettêra com o de Hespanha a fazer passar o Regulamento, baqueará provavelmente; assim augmentar-se-hão as difficuldades, e como tanto

o Governo Hespanhol persiste em não retirar a Nota, como as Cortes em não discutir o Regulamento, existindo a nota, por ser isso coercivo e indigno da honra nacional; parece que com a abertura das Cortes em vez de se desvanecerem os temores, subsistirão igualmente, ou se tornarão mais feios. É isto o que se rosna; os despachos tem sido repetidos; o Visconde de Sá, e o 7 d'Infantaria marcharão já para Elvas; o Corpo d'Engenheiros foi para o Porto; o Duque da Terceira foi tomar o commando da divisão d'operações; 12 Navios de Guerra estão promptos a sahir; a Artilheria está-se pondo nas Linhas de Lisboa e Porto; alguns dos Corpos Nacionaes ja fazem serviço, e o recrutamento por estes dias fica completo; espera-se em poucos dias o 6 d'Infanteria que embarca d'aqui para o Porto. Em Coimbra ha tãobem o recrutamento, e os Estudan // (fl. 2) tes tem-se entusiasmado tão grandemente que requererão a formação d'um Corpo Academico: as noticias chegarão ali n'um dia de Theatro e logo 400 Estudantes se ajuntarão para mandar tocar os himnos de 38 e da Rainha com um ardor exagerado; Por aqui verá meu Pae se eu deveria ter caminhado para cima, comtudo se por qualquer incidente imprevisto abonançar esta borrasca, vou logo para o meu destino, para o que estou em correspondencia com os Patricios que me avisão de tudo o que se passa.

Tenho hido mais alguma vez ao Theatro, fui a Almada, e estive tãobem n'uma Reunião em Casa do Deputado Picaluga cazado com uma Senhora Biester muito conhecida do Prior; tive o gosto de ser apresentado ao Lente de Mathematica da Escolla Polytechnica Philippe Folque, que é muitissimo bom sujeito, e que me agradou bastante. Por ora nada mais tenho visto, por que pouco tenho sahido.

Já o Caetano Xavier recebeo a Letra do Biester; como as Patacas corresssem a 920, produzirão as 250 Patacas 230\$000 reis fortes dos quaes meu Pae verá o que tenho gasto pelos apontamentos que lhe vou mandando, ficando certo de que attendo muito a não ter mãos largas.

Temos agora uns poucos de Navios a sahirem para a Ilha, por isso paro agora, reservando-me para dar noticias minhas em todos os que forem sahindo. Recommendações á Tia D. Francisca, pequeninos e mais Parentes. Lance meu Pae a sua benção ao seu affectuoso filho

José

DOCUMENTO 11

CT: UACSD/FAM-ABS-JC/MLC/001/002

Autor: José do Canto

Destinatário: Maria Libânia do Canto (e restantes irmãs no seu conjunto)

Local: Coimbra

Data: 1842/02/01

N.º de fólios: 2

Est. Cons.: bom

Minhas Queridas Irmãs do Coração

Coimbra 1º de Fevereiro de 1842

Com muitissimo prazer recebi hontem noticias de todas as minhas carissimas irmãs, nem precisava esta occasião para apreciar em toda a sua latitude a amisade, e carinhos de que sou devedor de todas as minhas meninas. Bem longe estarião as minhas cáras, de que terião de me dirigir felicitações de tal genero, e ainda menos o pensava eu; porem, não sei porquê, destinou-o a Providencia differentemente: penhorou-me excessivamente a melindrosa delicadeza com que as minhas meninas subordinão todo o seu prazer por tal união á minha vontade e gôsto: a minha generosidade não será menor; todas as minhas ideias, todo o meu modo de proceder bem claro mostravão as minhas inclinações; a amisade innocente dos meus tinha-me formado uma alma nem sequiosa de riquezas, nem de nome muito fallado, oh! e sabe Deos quão feliz me eu considerava, e quão poucos erão meus desejos! porem circunstancias mui largas de contar apartarão-me do meu natural curso, e eu já agora resignei todo o meu mundo ideal, tendo prazer n'esta resignação, porque se me apresenta occasião de mostrar que a minha amisade extremósa, não são meras palavras ou puro egoismo, que ella pôde fazer alguma por aquelles em quem se emprega: esta alguma cousa, a estranhos parecerá por certo differentemente do que aos meus, mas estes conhecem-me, amão-me, sabem avaliar-me e é quanto basta. Seria para mim a maior magoa murchar um prazer em que tão cordealmente se interessão os entes para mim mais caros no universo: eu que me prézo de não ter feito derramar uma

lagrima // (fl. 1 vº) senão de saudade, teria um remorso que toda a minha existencia me acompanharia se uma gôta de fel fosse bebida por minha causa, e principalmente em uma occasião critica. Com que sim Senhoras ! la vae o seu irmão cazar-se; lá vae buscar mais uma irmã para as suas irmãs ! ninguem diga “d’este pão não comerei”: quem me diria a mim que hoje havia (de) estar a falar em tal assumpto ! bem me disserão as minhas meninas algumas vezes “deixa estar que hasde cahir”; eu não cahi, mas vou unir-me indissolovelmente, e com quem nunca fallei: as minhas meninas felicitão-me pelo bom acêrto, pelas boas qualidades, e eu imagino quão sinceros, e intimos são taes emporas, agradeços com o mais profundo reconhecimento do meu coração, mas confesso ingenuamente que n’estes laços ainda não considerei senão um lado commumente o mais desprezado, e que dos outros me entrego á Providencia; porque tanto á parte estava de tudo isto, que pouco conheço alem do nome. Será o que fôr! o que é certo é que eu vou estar na minha patria e no seio da minha carissima familia: podia ficar sabendo alguma cousa, mas não me resta escrupulo de lhe não ter feito a diligencia: mas quando Deos não quer, Santos não rogão. Agora é tratar de preencher deveres d’uma nova vida, e obrigações por certo bastante pesadas, porem espero que não ficarei desamparado d’uma certa força d’animo que nunca no mais amargoso da minha vida me tem largado. Emfim uma consolação tenho eu, que no coração me fica, e que me compensa de tudo o que perdi de meus projectos; essa ainda que calada as minhas caras a adivinharão. Tenhão pois o seu prazer desopprimido: quando vejo por minha causa tanto riso d’alegria não posso deixar d’agradecer a Deos que me dêo irmãs tão boas, que tanto me querem. De mim já é sufficiente, e as acções dirão mais do que as pa // (fl. 2) lavras. Por mim aprecio quanto terá custado a meu Pae, e ás minhas queridas meninas a separação do nosso irmão tão digno de felicidades, ninguem terá soffrido com tal decisão dôres que mais agudas lhe varassem o peito do que eu, porque tenho a presumpção de que, igual sim, porem maior amisade ninguem lh’a tinha: porem o mal veio d’uma leve inclinação que elle por certo não previo tinha de acabar por tal modo; que lhe havia de elle fazer agóra ? oh! minhas queridas ! quasi que digo que lhe era mais feio deixar de cazar-se, do que cazar-se; porque enfim as cousas chegão a um ponto que não podem recuar: eu não tenho mais do que lamentar a sua sorte que tanto lhe tem feito soffrer, e que Deos permittirá lhe seja mais branda do que nós temos razão de suppôr, porem não me attrêvo a (...)náo, porque elle jamais pressentio que o seu amor viesse a rematar em consequencias que tão crûs dissabores causassem a todos nós. Meu Pae foi ferido muito fortemente, e nada me admira que assim se tenha mostrado,

espero porem que mais algum tempo traga a conciliação cordeal, eu assim lh'o imploro sempre, e peço ás minhas queridas que fação tãobem quanto possão para ahi concorrão (sic). Já agora o mal está feito, façâmos ainda nós o sacrificio, e diminuâmos pouco a pouco a antipathia que temos a nossa cunhada, porque é um passo infallivelmente necessario, e que mais cêdo nos trará a harmonia: até meu Pae tãobem se alliviará, porque a lembrança de que nós viveriamos desunidos, não será a que menos o tenha pungido. Hum pouco de resignação, e eu estou no caso de a receber. Adeos minhas queridas, provavelmente até mais cedo do que eu premeditava eu vou soffrivel, como é possivel com novas tão inesperadas; e com uma revolução. Adeos; Aceitem as minhas caras irmãs o coração d'um irmão que jamais deixará de o ser extremosissimo.

José

DOCUMENTO 12

CT: UACSD/FAM-ABS-JC/AC (cota provisória)

Autor: José Pereira Botelho

Local: Ponta Delgada

Data: 1845/03/31

N.º de fólhos: 1

Est. Cons.: bom

Jozé Pereira Botelho,

Doutor em Medicina pela Universidade de Paris

Attesto que o Illustrissimo Senhor André do Canto , dotado de temperamento eminentemente nervoso, soffre habitualmente do estomago, he affectado d'huma bronchite chronica, e sujeito a repetidos ataques d'asthma: o que tudo o constitue em hum estado volitudinario, que requer, alem de tratamento therapeutico adequado, exacta observância de certas precauções hygienicas,

como evitar frio e humidade, fazer moderado exercicio do corpo em dias bons e em horas determinadas, remover cuidados e emoções moraes, etc.. precauções estas que o inibem de poder exercer, sem grandes inconvenientes para a sua saude, todo e qualquer encargo onde exista certa regularidade.

Affirmo o exposto pela escrupulosa observação que tenho feito do Doente, na qualidade de seu facultativo assistente, e por isso o juro sob meu grau e faculdade.

Ponta Delgada, 31 de Março de 1845

Jozé Pereira Botelho

DOCUMENTO 13

CT: UACSD/FAM-ABS-JC/JC/001/002

Autor: Ana Adelaide do Canto

Destinatário: José do Canto

Local: Ponta Delgada

Data: 1842/01/19

N.º de fólios: 2 (+ 2)

Est. Cons.: Sofrível (leitura difícil: bordos das folhas queimados e escrita sobreposta)

19 de Janeiro de 1842

Meu sempre querido Josezinho do meu saudozo coração

Como soube que este navio sahia hoje e que o “Elysa” não sahia senão depois de São Sebastião, quiz aproveitar esta occazião ainda que é com preça.

Quem me déra adivinhar o que se tem passado no teu coração meu rico irmão, para com um gosto completo te felicitar de uma tão bella união, a incer-

teza em que estou de como tu receberias esta noticia não me deixa ainda ter o contentamento que terei quando souber que o fazes muito por tua vontade, o que eu espero, e dezejo anciozamente saber. Deus nos traga depreça esta tão dezejada noticia para nosso descanso. Estou esperançada que assim como Deus tem disposto esta couza assim, tão bem te hade dar gosto para este casamento que dá tanto prazer a todos. Nós não podemos ter maior satisfação n'este arranjo (bem entendido gostando tu tãobem) porque sempre estimamos a nossa Prima pelas suas bellas qualidades e agora com muito maior razão vendo-a ligada ao nosso adorado irmão e ligados tãobem com um parentesco tão intimo. Deus abençoe esta união e te encha de felicidades e venturas e a ella tãobem pois são ambos mercedores de tudo quanto é bom. Parece-me um sonho quando me lembro que estamos tão perto de gozar da tua amável companhia ja livre das tristes (*.... linha ilegível*) // **(fl 1 vº)** sem derramar lagrimas que vi as tuas cartas escritas na festa cheias d'amarguradas tristezas e saudozas lembranças que te fazem levar uma vida tão apoquentada, sertamente que estavas com esse coraçãozinho bem apertado. Deus te console n'essas tão grandes saudades para que não sofras algum incommodo na tua saude o que temo bastante, e ainda muito mais com os motivos que tem havido, o da morte desgraçada do Lobo que bastante impressão nos fez sem o conhecer-mos, quanto mais a ti que tinhas conhecimento d'elle. É um cazo horroroso oxalá que não tenhamos havido as consequencias que se esperavão e que esteja isso por ahy tudo em socego. Tão bem nos tem custado bem a carta que Andrezinho te fez que de certo te havia (de) abalar bastante segundo o que João Pacheco disse porque elle taobem a vio, e julgando-a por uma que elle taobem nos fez n'esses mesmos dias em que estava consternadissimo que muito nos sensebilizou, vejo o que tu passarias sem ter com quem dezabafar nem quem te dêsse noticia do que se passava por cá foi falta de refflexão n'elle o escrever-te assim e tãobem em J(oão) P(acheco) que lhe podia dizer que não estavas em termos para quem está tão longe de todas as consolações, eu assim mesmo naquelles dias tinha bastante dó delle bem via que elle tinha tido a culpa (*....linha ilegível*) // **(fl. 2)** tem dado mas taobem via que agora era tarde para elle deixar de o fazer. Elle agora anda mais alegre da sua vida com os seus arranjos já tem quase tudo prompto faltão só os trastes que se estão acabando não sabemos com toda a certeza porque elle ainda (não) nos disse, mas já ouvimos que se caza a 25 ou 26 d'este mez. Deus o faça feliz ainda que aos nossos olhos não pareça querendo Deus pode mudar-lhe o genio e dar-lhe melhor saude (que elle tem bem pouca) e viverem muito bem. Elle era digno de melhor sorte mas como elle assim o quiz assim o tem não tem contra

quem queixe. Oxalá que nunca se arrependa que é signal de viver contente mas sempre nos fica o desgosto de meu Pai não approvar a sua escolha com muita razão pois tão bem somos do mesmo parecer, mas ao mesmo tempo que gostamos de não ter amizade com ella, nos custa imenço ver o nosso rico irmão tratado com uma amizade tão séria . Meu Pai nos primeiros dias em que se fallou n'isto, não sei se foi para nos consolar, disse-nos que lhe havia (de) dizer para elle vir cá quando viesse da Villa. Deus permitta que assim seja para nos não ser tão penosa a sua separação que bastante nos hade custar mas não há remedio se não ter muita paciencia. Hoje dá o Senhor Coelho (... *linha ilegível*) // (fl. 2 v^a) pessoas bem entendido as que lhe forão ja dar os parabens nos metermos na cabeça à tia Francisca que não fosse lá senão depois da função para não ser convidada porque não estavamos para nos irmos encontrar com a nossa cunhada D. Anna Leite que naturalmente hade ir. Havião (de) estar todos na expectação, e a repararem como nos portavamos com ella, e mesmo não era só pelos mais é tãobem porque estamos sem saber como hade ser a primeira entrevista. Assim mesmo é bom em parte elle ir agora para a Villa para não termos tão cedo esse encontro que tanto nos está custando porque para nos mostrarmos sérias com ella não tem lugar, sempre é cazada com o nosso irmão e não o queremos offender, para lhe mostrarmos festas não é do nosso genio com que estamos bem enquiétas, M(aria) L(ibania) principalmente poque bem sabes que ella sempre lhe mostrou carrancas, eu e Augustazinha é que mettemos o cazo mais à bulha dizendo que hade ser melhor do que se espera, que ella mesmo hade ser quem se hade metter connosco, as meninas não nos querem ouvir dizem que é porque nós estamos enquiétas para lhe falar, mas enganão-se porque tãobem nos custa, mas não se hade a gente sempre levar a lamentar, hade ser o que Deus quizer. As tias Botelhos (... *linha ilegível*) // (fl. 3) de São sebastião lá havemos saber noticias do baile, a caza parece que não é muito grande e tem convidado muita gente estão morando na casa do Asse a São Jozé. Nicoláo Maria ainda não fez as pazes com elles. Nós todos vamos passando sem novidade, Maria Libania é que passa ainda mal dos seus nervos não tem tido ataques mas anda sempre muito abatida e com dores pelo corpo e por isso te não escreve agora porque bem sabes como ella é que em principiando não pode escrever pouco, e que (se) não pode que hade para outra vez, A Rita e o Filomeno tem tido seus treções bem grandes e como se não podem espremer ainda lhe vem mais, mas estão espertos como que nada seja, os outros trez da escola já mudarão para o Braga porque o Padre José Joaquim Borges foi para a Fajã de Baixo por Cura, elles custou-lhes bastante a despedida mas já andão muito contentes na outra.

A Rita disse-me que te mandasse um beijo e um abraço, está uma ralhona de primeira ordem o Filomeno tãobem já fala quaze tudo. A tia Brizida esteve cá ontem ao serão disse-me que te fizesse muitos cumprimentos dezejando muito a tua boa saude as tias Botelhos taobem se te recomendam muito a tia Umbelina veio aqui ter comigo ao escritorio dizer-me te fizesse muitas vezitas e que muito tinha gostado do tratamento que lhe déste d'Avó. As meninas e tias F. e D. A. te envião saudozas lembranças, as criadas taobem e José Nunes te fazem muitas vezitas elle ficou muito contente quando recebeo os teus recados deu um tão grande para te mandarem que por não ter tempo o não digo. Adeus meu rico José do Canto, recebe o coração anciozo por saber noticias tuas e cheio de vivas saudades da tua estremosa irmã que dezeja toda a sorte de felicidades.

Anna Adelaide do Canto

DOCUMENTO 14

CT: UACSD/FAM-ABS-JC/AC/001/002

Autor: José do Canto

Destinatário: Abdré do Canto

Local: Coimbra

Data: 1842/03/25

N.º de fólhos: 2

Est. Cons.: bom

Meu caro Irmão

Coimbra 25 de Março 1842

Bem pequena vae ser esta porque n'este instante sei que sahe talvez hoje mesmo um Navio da Figueira, e não quero por modo algum perder uma oportunidade que tão rara tem apparecido este anno. Ha cinco dias tive noticias da Ilha, por onde soube que se tinha realisado o teu casamento no dia 2

de Fevereiro, e que logo partiras para Villa Franca; eu te dou sinceros e intimamente cordeaes parabens pela consummação de teus desejos, e são sem termo os votos de felicidade que faço por ti, e por tua espôsa: os dissabores amargurados que soffreste em annos de constrangimento, oxalá sejam renumerados pela tranquillidade, e completa ventura. Desde (sic) de Dezembro em que me dêste parte do teu cazamento, nunca mais tive uma cartinha tua e esta privação tem-me custado bastante porque em toda nossa vida se não passou tanto tempo sem a communicação dos nossos pensamentos ; // (fl. 1 vº) como sei porem que tens gosado saude, e que esta interrupção só será devida ás tuas novas lidas, consólo-me e espero a primeira occasião com toda a ancia.

Grande prazer tive em me assegurarem que as maneiras de meu Pae vão progressivamente voltando ao seu antigo estado, elle proprio me diz, como eu já t'ò asseverára antes de o saber, que jamais tivera logar em seu coração o menor rancor, que no primeiro tempo involuntariamente tivera um grande desgosto pelo inesperado, e pelas mesmas razões que eu te ajuntára, e accrescenta que te está esperando com ancia porque vens á Cidade brevemente. De sorte que já me congratulo contigo, nem pode estar longe o dia em que seja completa de todo o coração a paz cuja ausencia tanto te atormentava, e não menos a mim: Ja terás recebido uma Carta em que eu te contava a historia do meu destino interrompido por dous annos e que eu me deleitava em julgar interrompido para sempre: poupa-me insistir n'este assumpto, porque aonde não ha remedio é de toda a força a resignação. O que é // (fl. 2) certo é que em bem pouco tempo eu te abraçarei, e conversaremos á vontade, sem a circumscripção do papel: eu parto por estes outo dias para Lisboa, e de lá brevemente para S. Miguel aonde o teu José do Canto vae representar papeis para que tu bem lhe conheces o geito: o nosso quarto e a torre das minhas caras irmãs é forçozo deixar de ser a minha morada exclusiva, e vou deixar tanto a meu pesar aquella vida solitaria e doce que eu gosava entre os corações que me amavão sem o eu duvidar um só momento. Aqui não ha novidades. Espero me faças os meus respeitosos cumprimentos á tua Espôsa, e lhe ponhas presente quam verdadeiramente me interesse pela sua ventura; recomenda-me tãobem ao Tio Bernardo, D. Bernarda, familia etc. E tu meu caro irmão acceita as saudades insaciaveis d'um irmão que não pode ter amisade alguma que excêda a tua: Adeos, tem as prosperidades que te deseja o teu

extremôso Irmão

J(osé do)Canto

DOCUMENTO 15

CT: UACSD/FAM-ABS-JC/MGTBS/001/002

Autor: José do Canto

Destinatário: Maria Guilhermina Taveira Brum da Silveira

Local: Coimbra

Data: 1842/02/02

N.º de fólios: 2

Est. Cons.: bom

Minha prezadissima Prima e Senhora.

Não é sem o mais profundo sentimento de gratidão, e sympathia, que acabo de acceitar a nova que por meu Pae me foi communicada de que a Prima em uma escôlha, d'onde em parte vae pender o seu futuro, me quizera por companheiro de sua vida; nem posso eximir-me de cordealmente agradecer um conceito todo gratuito, pois que nem uma só acção minha o podia fortalecer: o futuro me justificará !

Todo meu esmero, d'ora em diante, vae cifrar-se em ser espôso tão terno, quanto me sempre me hei esforçado por ser bom filho e irmão extremôso: a minha alma deixa de ser minha, e só servirá de suavisar as magoas, e sorrir com os prazeres d'aquella a quem o Ceo me vae unir.

Não tenho mais do que o coração a dar, porem esse é sensível e puro, nem aspira a mais do que á ventura e paz domestica; dou tudo o que posso dar: Só Deos sabe se a Prima se illudio, ou terá de se arrepender de sua escolha; o que eu posso assegurar, é // (**fl. 1 vº**) que a Prima sempre encontrará em mim um homem affectuôso, superior a paixões mesquinhas, e que toda sua felicidade viverá do coração amorôso de sua espôsa: uma reciprocidade d'affeições e de vontades nos enleiará, e apraza-me de crer que não arrancarei uma só lágrima, um só soluço d'amargura: a minha mão estará sempre prompta para estancar aquellas com que a Providencia inexoravel tiver d'entristecer a carreira da nossa vida; e nos dias dourados de prazer, o riso voltará em nossos semblantes igualmente cordeal, e candido.

Agora offerêço o mesmo amor com que o meu coração palpita por meu Pae, e Irmãos, em breve será o amor d'um espôso, e d'um espôso affeito a abnegação. E a Deos tómo por testemunha da sinceridade de meus vótos, se uma só falsidade tem sahido da minha bôca, puna-a a sua justiça, que penetra o mais recondito do peito humano.

Por ventura seria superfluo professar novamente // (fl. 2) a minha pouca ambição, o desenteresse das minhas acções, porem, para desvanecer o minimo temor que sobre a ingenuidade de minhas intenções haja, deposito no arbitrio da Prima aquells disposições que possa reear eu venha a desmentir, promettendo, á fé d'homem honrado, annuir completamente a quaisquer determinações: e confio que a generalidade com que fallo seja attribuida á sua verdadeira causa - o melindre, e delicadeza; e jamais a ambiguidade : a lisûra será a norma do meu procedimento.

Têmo fazer outros vótos que sejam lançados a lisonja: para o tempo appélo. E creia a Prima que os meus labios se não desdizem, e que eternamente me assignarei

Primo obrigadissimo e Amante affectuôso

Coimbra 2 de Fevereiro de 1842

José do Canto